PLACAR

UM DRIBLE NO MACHISMO

A SOCIEDADE BRASILEIRA JÁ NÃO ACEITA IMPUNEMENTE A CULTURA DO ESTUPRO — E POR ISSO O CONTRATO DE **ROBINHO** COM O SANTOS FOI SUSPENSO

CHAMPIONS LEAGUE
AS NOVÍSSIMAS E MILIONÁRIAS ESTRELAS PARA ACOMPANHAR DE PERTO

TREINADORES
A GERAÇÃO RECÉM-CHEGADA AOS 40 ANOS REINVENTA O FUTEBOL

REALIDADE
O COTIDIANO À MÍNGUA DA DIVISÃO MAIS POBRE DO PAULISTÃO DURANTE A PANDEMIA

SUPER
RESPONDE

APRENDER COM OS ERROS

Não há movimento mais civilizatório do que aprender com os erros — e para sentir na pele os tropeços do passado, só mesmo o passar do tempo. Ou, como escreveu o francês Marcel Proust, "os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem". Nos anos 1990, PLACAR tinha como slogan a frase "Futebol, Sexo e Rock & Roll". Publicamos capas evidentemente machistas, como a que aparece abaixo, com a modelo e atriz Susana Werner seminua. Eram outros tempos, a sociedade mal começara a reagir contra os preconceitos, e o que hoje conseguimos enxergar como um erro lá atrás era apenas névoa. Ria-se do que não tem graça nenhuma.

E PLACAR, naquele período um tanto irresponsável, navegava sem se dar conta dos incômodos que poderia provocar. Os jornalistas da revista, antes como agora, eram sérios, rigorosos, profissionais cuidadosos e avessos a qualquer tipo de discriminação — e todos eles, tendo em mãos a régua do presente, neste momento fariam de outra maneira.

Os tempos mudaram, e que bom terem mudado. A capa desta edição vê o mundo com os olhos de hoje. Os mesmos que levaram o Santos, pressionado por torcedoras e torcedores, além de patrocinadores, a suspender o contrato firmado com Robinho, acusado de estupro na Itália. Ele foi condenado a nove anos de cadeia em primeira instância — o caso está previsto para voltar a julgamento em dezembro. Estaría-

A capa de 1996, que nos dias atuais não seria publicada, e Martha Esteves, grávida, entrevistando Renato Gaúcho e hoje

FOTOS ACERVO PESSOAL; REPRODUÇÃO

mos mais felizes se fosse possível ficar apenas com as lembranças do jogador que, em 2002, surgiu para o mundo com pedaladas mágicas — mas isso não é possível. Robinho não pode apagar sua trajetória dentro e fora de campo, precisa assumir suas responsabilidades, com o direito de defesa que cabe aos acusados de qualquer crime.

Para narrar essa história, a redação de PLACAR convidou a jornalista carioca Martha Esteves, que contou com a colaboração de Klaus Richmond. Os dois se aprofundaram nas acusações contra o jogador e acompanharam todas as reações em torno da contratação. Nos anos 1980, como repórter da revista, Martha entrevistava atletas, técnicos e dirigentes, e viu muitos jogos à beira do gramado de estádios pequenos, nos quais não havia tribuna de imprensa. Lembra de ter sido xingada de todas as formas. “Aprendi na marra a ser mulher, no meio mais machista do mundo”, lembra. A reportagem, que começa na página 12, ajuda a jogar um pouco mais de luz sobre a maneira como o Brasil (e o mundo) vê a relação do futebol com a sociedade, de seus protagonistas com as mulheres, cada vez mais presentes e atuantes — nos gramados, no apito, com o microfone na mão e onde mais elas quiserem, sem ser importunadas nem agredidas, sem virar apenas objetos de admiração masculina. ■

revistaplacar

@placar

@RevistaPlacar

veja.abril.com.br/placar

placar@abril.com.br

PRORROGAÇÃO

ALEXANDER HASSENSTEIN/GETTY IMAGES

MERCADO Davies, o canadense do Bayern de Munique: valor nas alturas

CAPA: KAI FÖRSTERLING/EFE

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990)

ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto); Claudio Henrique, Diego Teixeira Setton, Klaus Richmond, Martha Esteves e Tato Coutinho (texto)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento, Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços, Regionais e Governo DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira OPERAÇÕES EDITORIAIS E MARKETING MARCAS Andrea Abelleira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO E VÍDEO João Pedro Maya PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Irvinng Lage ABRIL BIG DATA (Big Data + SEO + MKT Digital + Advertising) Sérgio Rosa

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: **www.publiabril.com.br**

PLACAR 1 469 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

O MENINO E O ADULTO

As duas fotos destas páginas, juntas, talvez dispensassem palavras. Numa delas, o francês Kylian Mbappé, aos 13 anos, abraça o já conhecidíssimo Cristiano Ronaldo. Em outubro passado, antes e depois do empate sem gol de França e Portugal, pela Liga das Nações, Mbappé parecia um menino premiado pelo encontro com o primeiro grande ídolo. Os risos traduzem o que a cena representou para ambos. Salve o futebol, salvem os sonhos.

FOTOS FRANCK FIFE/AFP, INSTAGRAM @K_MBAPPÉ

DE VIRAR A CABEÇA

Agora que você já virou a revista, vamos lá: não é sempre que um artilheiro em seca, há treze jogos sem balançar as redes, consegue marcar dois gols numa única partida — Gilberto, do Bahia, estava no banco de reservas, entrou no intervalo contra o Atlético Mineiro em Pituaçu, Salvador, para ajudar a equipe de Mano Menezes na vitória de 3 a 1. Não por acaso, comemorou feito louco, a ponto de parar no ar feito beija-flor, pernas para cima. Fazia tempos que não se via tanta euforia em um gol. E salve um outro Gilberto, o grande e necessário Gil, de Viramundo: "Sou viramundo virado / pelo mundo do sertão / mas ainda viro este mundo / em festa, trabalho e pão"

JHONY PINHO/AGIF/AFP

/60
18
0800 709 1000
SANTO

FELIPE DEL VALLE

UM IMENSO CORAÇÃO

O artista urbano Kobra parece pequeno diante de Pelé, pintado em um paredão de 800 metros quadrados em Santos. Mas quem não pareceria pequeno diante do Rei do futebol? O trabalho foi uma homenagem aos 80 anos de Pelé, completados em 23 de outubro. Está agora eternizado no Centro de Atividades Turísticas da Ponta da Praia, área revitalizada. Kobra usou como referência uma foto histórica de PLACAR, feita por Luiz Paulo Machado em 1971, aquela do coração de suor. “O mérito é todo do fotógrafo”, diz o grafiteiro.

Robinho, logo depois de sua apresentação na Vila Belmiro: a quarta passagem pelo clube foi rapidamente interrompida

A MÁ

ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/FOLHAPRESS

SCARA CAIU

A reação dos movimentos feministas e o recuo dos patrocinadores fizeram o Santos suspender o contrato com Robinho, acusado de estupro na Itália. E, depois de muito tempo, finalmente o mundo do futebol começa a responder aos novos e bons humores da sociedade

Martha Esteves

Foi uma infeliz coincidência, agora transformada em constrangedor equívoco: em 10 de outubro, Dia Nacional de Luta contra a Violência à Mulher no Brasil, o Santos anunciou a volta de Robinho. Seria a quarta passagem do jogador pelo clube. Lia-se, na conta oficial do time no Twitter, com palavras em português e inglês: "O menino da Vila. O ídolo. The Last Pedal. 2020, o Quarto Ato". A última pedalada, o quarto ato, foi dada pela sociedade civil, na pele de mulheres indignadas com a chance oferecida ao atacante condenado a nove anos de prisão na Itália, em 2017, por crime de agressão sexual contra uma jovem albanesa. O acordo com o atleta de 36 anos envolvia salários de simbólicos 1 500 reais mensais, bônus de 300 000 reais após dez jogos e quantia idêntica pelas quinze partidas seguintes. O contrato duraria cinco meses, com preferência de renovação para mais um ano e sete meses. Mas, devido à revolta acelerada pelas redes sociais e à divulgação de trechos da sentença judicial italiana, o Santos voltou atrás e suspendeu a transação. Deu-se, enfim, um drible no machismo.

"ISSO NÃO SIGNIFICA TRANSAR"

O site globoesporte.com revelou trechos das interceptações telefônicas feitas com autorização judicial no início de 2014, depois das acusações da suposta vítima, de origem albanesa. Apenas um dos amigos do jogador é identificado pelo nome — os outros três, não. Para a Justiça italiana, os diálogos são "autoincriminatórios".

Robinho conversa com Ricardo Falco, amigo também investigado.

FALCO: Ela lembra da situação. Ela sabe que todos transaram com ela.

ROBINHO: O *(nome do amigo 1)* tenho certeza que gozou dentro dela.

FALCO: Não acredito. Naquele dia ela não conseguia fazer nada, nem mesmo ficar em pé, ela estava realmente fora de si.

ROBINHO: Sim.

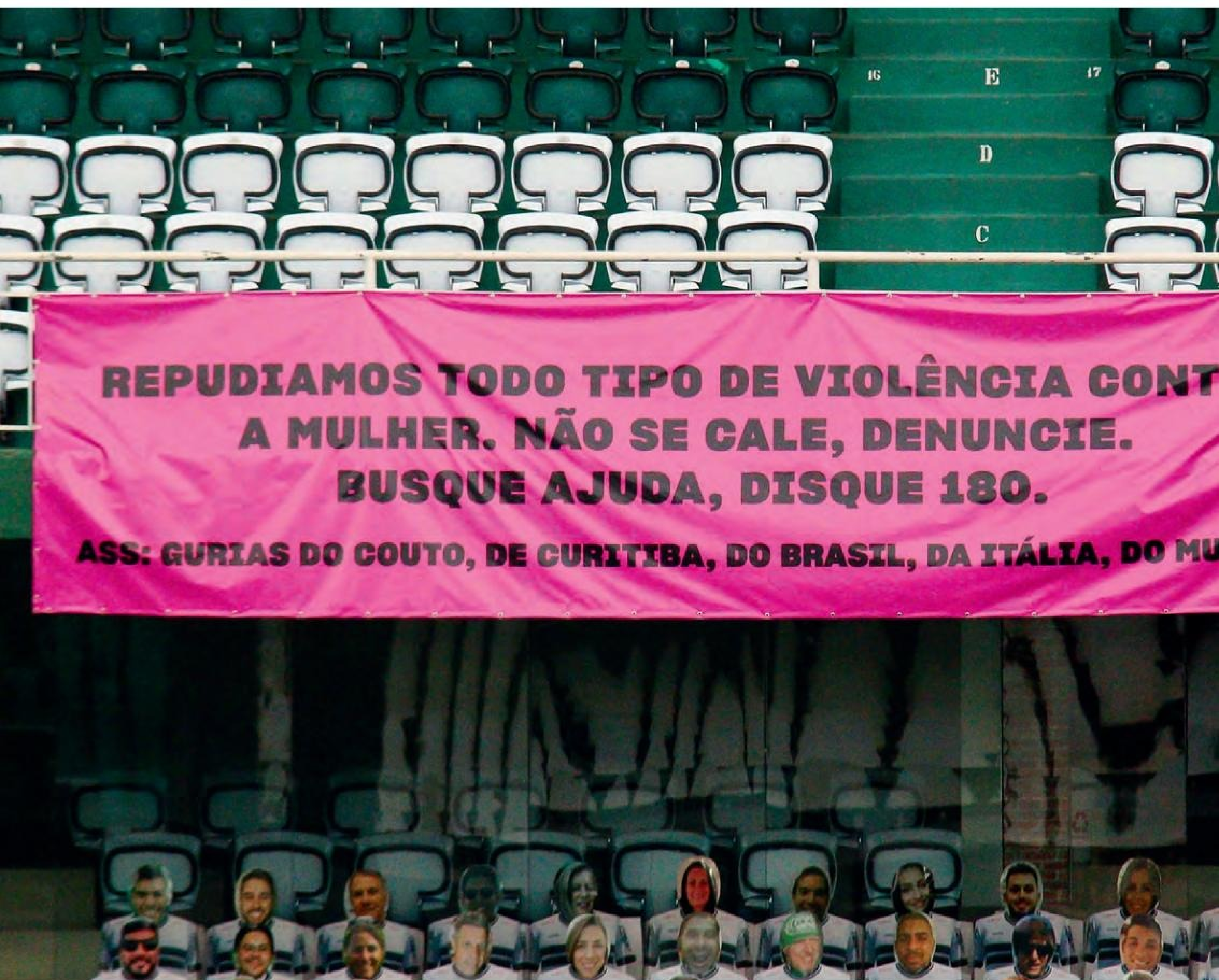
Robinho conversa com o músico Jairo Chagas, que tocou na noite do estupro investigado na boate Sio Café, em Milão.

ROBINHO: Estou rindo porque não estou nem aí, a mulher estava completamente bêbada, não sabe nem o que aconteceu (...) olha, os caras estão na merda... Ainda bem que existe Deus, porque eu nem toquei naquela garota. Vi o *(nome do amigo 2)*, e os outros foderam ela, eles vão ter problemas, não eu... Lembro que os caras que pegaram ela foram *(nome do amigo 1)* e *(nome do amigo 2)*. Eram cinco em cima dela (...) A polícia não pode dizer nada, eu direi que estava com você e depois fui para casa.

CHAGAS: Mas você também transou com a mulher?

ROBINHO: Não, eu tentei. *(amigo 1)*, *(amigo 2)* e *(amigo 3)*...

CHAGAS: Eu te vi quando colocava o pênis dentro da boca dela.

ROBINHO: Isso não significa transar.

A diretoria santista reagiu rapidamente quando a grita contra a permanência de Robinho começou a doer no bolso, com a movimentação dos patrocinadores. O primeiro a pular fora da canoa foi a Orthopride, rede de franquias de ortodontia estética. Em seguida, a Philco, de eletroeletrônicos; a Kicaldo, empresa de alimentos; e a Tekbond, de adesivos e colas, divulgaram notas ressaltando não ter participado da transação e afirmando respeitar "a diversidade e a inclusão em suas operações", além de repudiarem "qualquer ato de violência". Estimou-se uma perda em torno de 20 milhões anuais caso a debandada se concretizasse — e, por isso, a única e esperada saída era o recuo. O presidente do Santos, Orlando Rollo, diria depois que a suspensão do contrato piorou ainda mais as finanças do clube, que tem 53 milhões de reais no vermelho e dívidas inclusive com os salários dos jogadores. Agora, para tentar reduzir os danos, pretende fazer uma vaquinha virtual. "Podem encarar como humilhação fazer essa arrecadação na internet, mas estou me humilhando mesmo", admite.

Muito mais humilhante, e possivelmente sem recuperação possível para a imagem do clube, teria sido manter Robinho na equipe. A decisão iria no avesso dos humores da sociedade e do pleno respeito aos direitos humanos. Convém ressaltar ainda que, em tempos de internet, tudo é muito rápido e os tropeções são revelados imedia-

GABRIEL MACHADO/AGIF/AFP

REPRODUÇÃO

Grupos de torcedoras protestaram em Curitiba, onde o Santos jogaria *(à esq.)*. Já em 2017 parte da torcida do Atlético-MG reclamara da presença do jogador no time mineiro

tamente. Cedo ou tarde, certamente cedo, a máscara cairia. Uma frente ampla formada por torcedoras de Santos, Flamengo, Corinthians e outros times se movimentou pelo WhatsApp contra a chegada de Robinho. No Twitter, jornalistas, torcedoras e celebridades fizeram barulho, com dezenas de mensagens compartilhadas. "Precisamos que nossa voz seja ouvida. Nós, mulheres santistas, não o queremos mais no clube", diz a advogada Mariana Paquier, de 26 anos, representante do coletivo santista Bancada das Sereias. Para a escritora, professora e pesquisadora da Uerj Leda Costa, "a contratação de Robinho foi desfeita em grande parte por pressão dos patrocinadores e das diversas vozes que se levantaram contra aquilo que seria um dos capítulos mais tristes da história do futebol brasileiro". Houve, é claro, aqui e ali, opiniões dissonantes, atreladas ao passado, mas foram poucas e nascidas de onde se esperava que viessem. "Os dirigentes não aguentaram a pressão dos patrocinadores, que estavam mesmo atrás de aparecer na mídia. Eles erraram feio ao suspender o contrato do Robinho. Nessa hora a gente vê quem é amigo de verdade", lamentou Wagner Ribeiro, ex-agente do jogador.

Tudo somado, os dirigentes santistas tomaram a estrada correta ao ser apresentados à encruzilhada. As empresas já entenderam o peso da reputação — sabem que ela vale dinheiro — e a importância da adesão a grandes causas. E não se trata de oportunismo, apenas de adequação a novos momentos da civilização. O futebol, contudo, parece ainda estar na infância desse processo, engatinha lentamente. Em 2014, quando era presidente do Flamengo, Eduardo Bandeira de Mello tentou a contratação de Robinho, que defendia o Guangzhou Evergrande, da China, mas as negociações não avançaram por questões financeiras. "Hoje, jamais o contrataria. Primeiramente, em respeito às mulheres. Mas obviamente também levaria em consideração a questão patrimonial, a proteção à marca do clube", diz o ex-presidente rubro-negro. O Santos deu a boa resposta, ainda que tardia. Robinho, contudo, parece caminhar longe da realidade — embora tenha o direito de se defender, até que a deci-

são em segunda instância seja anunciada. Em entrevista ao UOL, o jogador interpretou à sua maneira o evento: "Infelizmente existe o movimento feminista. Muitas mulheres, às vezes, não são nem mulheres, para falar o português claro". A juíza e escritora Andrea Pachá tem na ponta da língua o português claro: "Infelizmente, sim, ainda precisar existir o feminismo. Em uma sociedade machista e patrimonialista, a violência contra a mulher é tolerada, desde que silenciosa e lucrativa. Em vez de perceber o abuso e a violência contra a mulher, o jogador trata de desqualificar o movimento feminista, como se a culpa fosse de quem defende o direito de que qualquer mulher possa viver sem ser violentada". Convém, nessas horas, dar voz também aos homens. Medalhista pan-americano de taekwondo em 2007, Diogo Silva, 38 anos, considera o futebol um meio machista, racista e homofóbico, espelho social brasileiro — com as exceções de sempre, é claro. "O futebol segue a cartilha antiga dos preconceitos, o que tem de novo é a organização das mulheres, a não aceitação desse tipo de comportamento", diz Silva. "Os grupos ofendidos e hostilizados se cansaram disso, organizaram-se e partiram para a reação."

Um modo de medir o estrago irrecorrível de Robinho ao desdenhar das acusações, como se fossem absurdas, é ouvir gente que sempre o admirou, mas sabe que já não é aceitável fechar os olhos. A atacante do Flamengo, a paraibana Lú Meireles, 32 anos, não esconde o desapontamento. "Minha primeira reação foi de enorme decepção, porque sempre fui muito fã e gostava muito dele. Essa atitude desprezível me encheu de tristeza e raiva", conta ela. O cronista e escritor Xico Sá, santista de quatro costados, ficou indignado e, depois, aliviado com o desfecho. "Não tem pedalada ou nostalgia da torcida que justifique essa contratação. Nem se fosse Pelé. Um minuto de Robinho em campo seria um desrespeito a todas as mulheres do mundo." Para Eduardo Suplicy, filho de Paulo Cochrane Suplicy, armador do primeiro time do Santos, em 1912, e fã do atacante, não pairam dúvidas: "Fui grande admirador dos dribles de Robinho e seus gols me trouxeram muita alegria. Mas, ao saber das evidências sobre como agiu com a moça albanesa, fiquei muito triste. Tenho pensado como os

ARQUIVO PESSOAL

REPRODUÇÃO

O advogado Gnocchi *(acima)*, que defende a vítima, quer punição contra os ataques ocorridos no Sio Café, em Milão, no tempo em que o brasileiro defendia o Milan. Para a juiza Mariolina, houve "falta de escrúpulos"

REPRODUÇÃO

clubes têm de formar bons jogadores que sejam exemplos de seres humanos". Zico, o eterno Galinho de Quintino, é quem tem a moral da história: "Quando você é referência e ídolo tem de saber que seus atos são vigiados. Tem de saber onde pisa e com quem anda. Estar sempre atento para não influenciar negativamente seus fãs mirins. Todo passo mal dado, seja no abuso de drogas, seja com o álcool, seja no envolvimento em escândalos sexuais, prejudica demais a imagem do ídolo e não pode servir de exemplo para mais ninguém".

E, no entanto, nada disso, nada mesmo, parece ter servido de reflexão para Robinho, que agiu com desumanidade, segundo a Justiça italiana, naquela noite de 23 de janeiro de 2013. O relato do que houve, embora abjeto, precisa ser detalhado. O então atacante do Milan tinha combinado com a mulher, Vivian Guglielmetti, em ir ao Sio Café, badalado endereço da noite de Milão. Além do casal, mais cinco amigos, entre eles Ricardo Falco, curtiram a música brasileira e a bebida farta. Ali, depois de sua mulher ter voltado para casa, Robinho conheceu a albanesa, na época com 29 anos. O estupro aconteceu dentro do camarim usado pelo músico Jairo Chagas, segundo depoimento da vítima. Em novembro de 2017, Robinho e Falco foram condenados com base no artigo 609 bis do Código Penal italiano, que trata da participação de duas ou mais pessoas envolvidas em um ato de violência sexual, forçando alguém a manter relações sexuais por sua condição física ou psíquica. A vítima assumiu que tinha ingerido álcool.

Com autorização judicial, houve a interceptação de conversas por celular entre Robinho e seus companheiros. Em diálogo com o músico Chagas, Robinho

FOTOS ANNA GOWTHORPE/PA IMAGES/GETTY IMAGES, PHIL NOBLE/AFP

Em 2009, Robinho foi acusado de estupro numa boate de Leeds, na Inglaterra, quando defendia as cores do Manchester City. O processo foi arquivado. O escândalo saiu das quatro linhas *(abaixo, capa da revista* VEJA *em 2009)*

diz, depois de gargalhar: “Estou rindo porque não estou nem aí, a mulher estava bêbada, não sabe nem o que aconteceu. Olha, os caras estão na merda. Ainda bem que existe Deus, porque eu nem toquei naquela garota”. Ao comentário de Chagas — “Eu vi quando colocava o pênis dentro da boca dela” —, ele retrucou: “Isso não significa transar” *(o site globoesporte.com obteve com exclusividade trechos do inquérito e publicou as gravações em outubro; um resumo dessas conversas aparece na pág. 13)*. Para a juíza Mariolina Panasiti, que cuida do caso no tribunal milanês, Robinho e Falco demonstraram “desprezo absoluto pela jovem, vítima de repetidas humilhações, bem como atos de violência sexual pesados”. O que mais chocou Mariolina foi o fato de Robinho rir várias vezes do incidente, o abuso de termos chulos nas conversas e os “sinais inequívocos de falta de escrúpulos e quase consciência de falta de impunidade”.

Desde a divulgação do caso, Robinho vem negando qualquer participação na agressão coletiva. Ao UOL, ele admitiu uma única contrafação: “Meu único crime foi ter traído minha mulher” — destaque-se que trair não é crime nem no Código Penal brasileiro nem no italiano. Em entrevista à Fox Sports, Robinho deu a entender que a albanesa estava só atrás de dinheiro e montara a armadilha para depois pedir o equivalente a 3 milhões de reais de indenização. O advogado italiano Jacopo Gnocchi, que defende os interesses da vítima, esclareceu que o pedido de ressarcimento por danos foi formalizado no processo apenas depois de a juíza ter determinado algo em torno de 405 000 reais, além do reembolso das custas judiciais. Para Gnocchi, a questão financeira importa pouco para sua cliente. O que está em jogo para a albanesa é a “apuração dos fatos e a condenação dos responsáveis”. É fundamental que isso ocorra, de fato, para que, mais uma vez, as atrocidades não sejam empurradas para debaixo do tapete. Apresentadora da Rede Globo, a jornalista e escritora Ana Paula Araújo lançou recentemente o livro *Abuso, a Cultura do Estupro no Brasil* (Globo Livros), e entrevistou vítimas e criminosos. Indignada, Ana Paula lembra que o criminoso nunca se enxerga como estuprador. “A reação de Robinho, dizendo que foi apenas sexo oral, quando isso também configura violência sexual, foi bizarra demais. Isso nos mostra, de forma didática, que o estuprador nunca se sente estuprador.” Ou, como estampou a capa de VEJA em 2009, em torno de uma outra acusação de violência sexual contra Robinho, em Leeds, na Inglaterra: “Por que eles nunca crescem?”. O caso foi engavetado, mas Robinho parece mesmo não ter crescido e aprendido — desta vez, contudo, o processo deve ir até o fim.

A decisão da segunda instância está marcada para dezembro, mas há risco de adiamento em decorrência da segunda onda de casos do novo coronavírus na Itália. “Espero a confirmação da sentença de primeira instância, que foi correta, justificada e fundamentada”, diz Gnocchi. “Minha cliente está tranquila. Ela aguarda com confiança a audiência.” Marisa Alija, advogada de Robinho, procurada por PLACAR, não quis se estender. Disse apenas que “os julgamentos devem ser realizados nos tribunais e não na mídia, o que nunca traz vantagens para a Justiça”. Irritada com a repercussão negativa da contratação de Robinho, a defensora criticou os protestos. “Quem julga sem saber o que realmente aconteceu, baseando-se apenas em matérias sensacionalistas e com traduções fora do contexto, que parecem ter sido feitas somente para caçar cliques, cer-

tamente julga mal. E o tempo dirá que tenho razão." Caso a condenação de Robinho seja ratificada, ele não será extraditado. Confirmada a decisão da primeira instância, a defesa poderá recorrer ao Tribunal de Cassação, semelhante ao Superior Tribunal de Justiça do Brasil. Depois de transitado em julgado, o processo vem para o Brasil e, para que não haja impunidade, o jogador poderá cumprir a sua pena aqui. "Nesse caso, aplica-se o artigo 101 da Lei do Estrangeiro. A pena é da Itália, mas ele cumpre segundo as leis brasileiras, isso se a lei for mais benéfica para ele", diz o jurista gaúcho e professor de pós-graduação de direito Lenio Streck. Condenado a nove anos de prisão, Robinho poderia cumprir dois quintos da pena, ou três anos e meio. Em seguida, tendo bom comportamento, poderia seguir em regime semiaberto, com direito a trabalhar e fazer cursos fora da prisão. Depois de um ano e meio de trabalho no regime semiaberto, poderia cumprir o resto da pena em prisão domiciliar.

O caminho de Robinho é difícil e é grande a probabilidade de ele ter de pagar pelo erro — notícia evidentemente ruim para ele, para seus familiares, mas uma conquista para a sociedade. Beatriz Antunes, de 26 anos, psicóloga que oferece apoio profissional ao coletivo Fogo no Assédio, formado por torcedoras do Botafogo do Rio, espera que a onda não seja passageira. "Casos de assédio e violência sexual no futebol acontecem o tempo todo e mostram quanto a figura da mulher é totalmente desmerecida no meio. A gente sabe que a perda de dinheiro fala mais alto no futebol, e foi o nosso grito que alertou os patrocinadores. Uma pequena vitória em meio a tantas batalhas contra o machismo." As mudanças de humor são recentes. Em 2017, depois que o caso de estupro já havia estourado, ainda sem julgamento, Robinho jogou pelo Atlético Mineiro — houve

FOTOS RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS; CLAUDIA L. LARSON/AP/GLOW IMAGES

O processo de Neymar *(à esq.)* por agressões sexuais, movido pela modelo Najila Trindade, não avançou — mas criou evidentes problemas para a imagem do craque. Mike Tyson foi parar na cadeia, em 1991 e lá ficou durante quatro anos

indignação, torcedoras levavam faixas aos estádios, mas não passou disso. O ambiente mudou — fora e dentro de campo. “Luto diariamente para que as mulheres que jogam futebol tenham ao menos a dignidade de uma carteira assinada, um contrato e até um uniforme melhor”, diz a advogada especialista em direito desportivo, Luciana Lopes, que representa clubes do Brasil e do exterior, além de vários jogadores e jogadoras.

Quem não entender a revolução em andamento estará fora do jogo. Neymar, a duras penas, percebeu que poderia ter manchado sua carreira depois de ter sido acusado de estupro pela modelo Najila Trindade, em um hotel em Paris. Por falta de provas, o caso foi arquivado sem o indiciamento do jogador, e a modelo ainda foi denunciada por fraude processual, extorsão e denúncia caluniosa. Em 2009, o craque português Cristiano Ronaldo negou ter violentado a modelo americana Kathryn Mayorga, mas desembolsou 375 000 dólares para encerrar o caso em segredo. A modelo alegou que o craque português a obrigou a fazer sexo em um hotel em Las Vegas. Neymar e Ronaldo não passarão pelas agruras que Robinho terá de passar, mas talvez tenham aprendido a lição. Lição que o pugilista Mike Tyson foi aprender na cadeia. Em julho de 1991, ele foi acusado de estuprar a modelo Desiree Washington. Menos de um ano depois, foi condenado a seis anos de detenção. Cumpriu metade da pena por bom comportamento e saiu da prisão em março de 1995 — definitivamente marcado. Há saída para Robinho, mínima, desde que ele queira, desde que assuma suas responsabilidades, agora levadas aos tribunais, e não aja como um futebolista apenas atrelado ao dinheiro e à arrogância. “Para reverter a imagem negativa de Robinho, seria bom criar um plano de ação de marketing focado no terceiro setor. Tem de partir dele, não pode ser algo artificial. Ele poderia, por exemplo, se tornar patrono de uma causa beneficente ou de sustentabilidade”, diz Fábio Wolff, sócio-diretor da Agência Wolff Sports. Mas o melhor mesmo, naquela noite de 2013, seria ele ter se comportado como homem. E que a reação contra Robinho dê um basta a posturas inaceitáveis no futebol, e fora dele. ■

Colaborou Klaus Richmond

GENTE JOVEM REUNIDA

Há um interessante movimento do futebol em todo o mundo — o de treinadores jovens, mas tão jovens que chegaram a dividir o gramado com seus atuais comandados. O que há de positivo e de negativo nessa onda?

Alexandre Senechal

Até outro dia, talvez com pouco mais de cabelos, no caso de alguns, e sem barriga, para quase todos, eles brilhavam dentro de campo — deram alguns passos para o lado, atravessaram a linha de cal e voltaram a seus clubes como treinadores. Bem-vindo a um fenômeno nada desprezível — o dos técnicos jovens, tão jovens que em muitos casos chegaram a dividir o vestiário com alguns de seus atuais comandados. É movimento que costuma dar bons resultados, alimenta o ânimo, vira conversa de gente que se entende sem nem mesmo ter de abrir a boca. Desse time fazem parte nomes como Zinedine Zidane (Real Madrid), Frank Lampard (Chelsea), Andrea Pirlo (Juventus) e, no Brasil, Rogério Ceni (Fortaleza) — há outros, como o norueguês Ole Gunnar Solskjaer, do Manchester United, aquele que fez o gol nos acréscimos que valeu o título da Liga dos Campeões em 1999, mas esse quarteto é a vanguarda da tropa. E, entre eles, nenhum mais colado à tese que se pretende demonstrar — a da relevância da memória recente com a bola nos pés — do que Pirlo. Do ex-meio-campista italiano dizia-se jogar de terno, dada a elegância. Ele pendurou a chuteira há três anos e, agora, literalmente vestiu roupa de gala, elegante como todo italiano da gema. Comanda Cristiano Ronaldo, Dybala e o veterano goleiro Gianluigi Buffon, companheiro de tantas conquistas. Buffon, aos 42 anos, é um ano mais velho do que o chefe Pirlo, de 41. Contratado no fim de julho para assumir a equipe sub-23 da La Vecchia Signora, foi rapidamente promovido ao time principal, que tinha sido eliminado da Champions pelo Lyon.

Eis o roteiro comum: o grupo em baixa, eliminado de algum torneio relevante ou aos trancos e barrancos nos campeonatos nacionais — aí chamam o salvador da pátria do-

FOTOS: REPRODUÇÃO, VALERIO PENNICINO/GETTY IMAGES

O meia e o goleiro, em fotomontagem, e ambos com a camisa da Vecchia Signora

JUVENTUS

***Andrea Pirlo,* 41 anos** ***Gianluigi Buffon,* 42 anos**

A parceria de maior sucesso dentro de campo: tetracampeões italianos e campeões do mundo com a seleção italiana. O goleiro é apenas um ano mais velho do que o novo treinador de La Vecchia Signora

méstico. O motivo número 1: identificação com a torcida. Somem-se a voz ativa com os jogadores e conhecimento de conceitos mais modernos e ofensivos, e a mesa está posta. Ser moderno, enfim, é fundamental. Ao ser apresentado pela Juventus, Pirlo deixou tudo muito claro: "Quero um futebol proativo e dominar as partidas. Tenho dois preceitos: número 1, nós sempre temos de ter a bola; número 2, quando perdermos a posse, temos de recuperá-la rapidamente. São as ideias em que acredito". É conhecimento de futebol adquirido com cuidado e atenção. Para poder completar o mais badalado curso profissional de treinadores oferecido pela Uefa, atalho para a certificação que o autoriza a trabalhar de prancheta na mão, ele escreveu a tese "Meu futebol". Nela, expôs o que sabe e o que sonha. Há referências a Johan Cruyff e Pep Guardiola dos tempos do Barcelona, ao Ajax de Louis van Gaal e aos italianos Milan de Carlo Ancelotti e à própria Juventus de Antonio Conte — todos times dirigidos por ex-jogadores, com vocação ofensiva. Pirlo ainda descreve, minuciosamente, como cada atleta deve se comportar em sua função. Desde os goleiros, que precisam saber trabalhar com os pés, passando pelos zagueiros, hoje os primeiros armadores do time e que necessitam de velocidade para cobrir grandes espaços do campo, até os atacantes, velozes e de movimentação permanente. Na estreia, vitória de 3 a 0 contra a Sampdoria pela Serie A, numa vistosa e corajosa formação 3-2-5 quando tinha a bola. Era o Pirlo das ideias levadas ao papel tratando de transferi-las para o gramado.

O inglês e o zagueiro espanhol formavam uma dupla vitoriosa com a camisa azul da equipe londrina

DARREN WALSH/CHELSEA FC/GETTY IMAGES

Frank Lampard, 42 anos & **César Azpilicueta, 31 anos**

O lateral-direito espanhol chegou ao clube inglês em 2012 – ele e o atual treinador, portanto, passaram dois anos juntos dentro de campo. O brasileiro Thiago Silva, de 36 anos, também jogou com Lampard

FOTOS MUSTAFA YALCIN/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES; PHILIPPE DESMAZES/AFP

O gênio francês e o zagueirão já de cabelos curtos — no gramado, eram garantia de poucos gols tomados e muitos feitos pelo clube espanhol

Cada um à sua maneira, esses treinadores da nova geração tentam compensar a inexperiência no novo cargo com uma mentalidade vencedora, que os levou à idolatria. O titio da turma, Zidane, hoje com 48 anos, assumiu o Real Madrid em 2016 depois de iniciar sua carreira fora de campo como auxiliar de Carlo Ancelotti e dirigir o Castilla, a equipe B dos merengues. O sucesso foi imediato: três títulos consecutivos da Liga dos Campeões da Europa. Em seguida, deixou o cargo, mas acabou de volta após nove meses para tirar o clube de uma outra crise, a caminho do título espanhol. Lampard, 42 anos, chegou na temporada passada para promover uma mudança de filosofia no Chelsea e utilizar os jovens para montar um time razoavelmente competitivo — foi com a garotada porque, por irregularidades na contratação de menores, a Fifa impediu o clube londrino de contratar atletas de outras equipes. Lampard vai bem numa missão quase impossível — erguer taças em um torneio no qual brilham o Liverpool de Jürgen Klopp e o Manchester City de Guardiola. É dura, portanto, a vida de Lampard — mas ele tem combustível para gastar, dada a história que construiu no Chelsea. Vira e mexe, há rumores de queda depois de resultados ruins. É corda bamba que não se compara ao que acontece do lado de cá do mundo, com permanente falta de paciência dos cartolas.

E não há treinador jovem que consiga a tranquilidade desejada. Tomemos como exemplo de fragili-

REAL MADRID

Zinedine Zidane, 48 anos & Sergio Ramos, 34 anos

Quando o zagueiro chegou, Zidane era uma das estrelas incontestáveis do clube merengue. Mas títulos juntos só conseguiram quando o francês pendurou as chuteiras e foi para a beirada do campo. Ramos e Zizou levantaram três taças da Liga dos Campeões

dade o que houve com a onda chamada de "ramonismo", carinhoso apelido do breve período de sucesso do Vasco da Gama dirigido pelo ex-jogador e ídolo cruz-maltino Ramon Menezes. Ele levou o time ao topo da tabela do Brasileirão, lá o instalou por um par de rodadas, e depois começou a tropeçar. Quando o Vasco chegou ao décimo lugar, nada mau para quem tem lutado contra rebaixamentos, Ramon foi demitido — e adeus ao treinador de 48 anos, campeão da Libertadores como meia pelo Vasco em 1998. "Quando parei de jogar, busquei capacitação, fiz os cursos da CBF", disse a PLACAR. "Minha experiência dentro de campo, meu conhecimento dentro do vestiário e o que aprendi dos meus treinadores ajudam muito, mas era preciso estudar." O treinador vê com bons olhos a bagagem que os treinadores da nova geração podem trazer se bem preparados para a função. "Temos de tratar o jogador como gostaria que me tratassem na minha época. Olho no olho, sinceridade, trabalho acima de tudo, e mostrar que ele precisa evoluir a cada dia", resume.

É a toada de Rogério Ceni, talvez o melhor exemplo, no Brasil, da turma protagonizada por Pirlo na Europa. O.k., ele teve passagem rápida como técnico pelo São Paulo, time de sua vida e de sua história — fez cursos europeus, montou um bom grupo de auxiliares, mas não sobreviveu a derrotas. É certo que um dia retornará ao tricolor paulista. Enquanto isso, foi fazer sucesso em outras plagas. No Fortaleza, está firme e forte. Há que considerar que por não estar à frente de um grande de São Paulo ou do Rio as coisas pareçam menos opressivas — e são mesmo. E o campeão cearense faz uma bela temporada neste 2020 da pandemia. "O Fortaleza mantém um padrão há um bom tempo, graças aos trabalhos do Rogério. Estamos próximos daquilo que podemos alcançar", diz o atacante Osvaldo, companheiro de Ceni no último título conquistado pelo São Paulo, a Copa Sul-Americana de 2012, e hoje uma das referências da boa equipe. Essa gente jovem reunida dá mostras de que a junção da experiência dentro de campo com o trabalho fora dele pode dar jogo. ■

FOTOS EVERTON PEREIRA/OFOTOGRAFICO/GAZETA PRESS; CRISTIANO ANDUJAR/GETTY IMAGES

O mítico goleiro tricolor e o atacante inteligente e rápido novamente de mãos dadas — agora no time campeão cearense

Rogério Ceni, 47 anos **Osvaldo, 33 anos**

O último título de Ceni como goleiro foi o da Copa Sul-Americana em 2012. O gol que valeu a taça foi marcado pelo atacante, hoje comandado pelo técnico no clube cearense

O PRIMO POBRE DA BOLA

Em meio à pandemia, a última divisão paulista expõe o duro cotidiano de um futebol que se diz profissional mas tem tantas dificuldades que é quase mais correto chamar de amador

O "Barça" paulistano e o Jabaquara postados antes do apito inicial: aqui não tem essa de um time jogar de uniforme claro e o outro de uniforme escuro

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Klaus Richmond

Sábado, 17 de outubro, 15 horas de uma tarde de sol em São Paulo. No Estádio Nicolau Alayon, na Zona Oeste de São Paulo, os quase 10 000 lugares estão praticamente vazios. No jogo sem público, por causa da pandemia da Covid-19, apenas uma fiscal da Federação Paulista de Futebol controla a circulação dos jogadores e demais integrantes das comissões técnicas. Três outros funcionários da FPF cuidam da transmissão do jogo via redes sociais. E apenas este repórter e um fotógrafo de PLACAR acompanham a primeira rodada da Segunda Divisão do Campeonato Paulista (apesar do nome, ela é, de fato, a quarta, pois as outras são chamadas de A1, A2 e A3).

Em campo, o Barcelona Capela, da capital, e o Jabaquara, de Santos, estreiam no torneio, que tradicionalmente encerra as competições estaduais todos os anos. Sentado sobre uma confortável poltrona estofada cinza, que se destaca em meio às cadeiras azuis da parte coberta da arquibancada, Severino Possidônio dos Santos, 73 anos, faz sua voz reverberar como um poderoso alto-falante. "Oxe, domina uma bola, lateral, pelo amor de Deus. Agora pega, pega, pega... Ah, no meu tempo não tinha isso, não, esses jogadores são todos moles." Com as mãos, ele parece orientar o time azul e grená, tal qual o famoso esquadrão espanhol do qual tomou o nome. Na véspera, o técnico Edson Lino testara positivo para o novo coronavírus e coube ao auxiliar e faz-tudo Washington Pereira Souza assumir o comando — ajudado informalmente pelos gritos de Santos, motorista do, vamos lá, "Barça" há dezessete anos.

Bem-vindo ao primo pobre entre os campeonatos do estado mais rico do país. Neste ano, 42 equipes estavam habilitadas a disputar o troféu e duas vagas na Série A3 em 2021 (no ano passado, subiram o Paulista, que já caiu de volta, e o Marília, que terminou em décimo entre dezesseis participantes). Pelo regulamento, todas teriam direito a uma "cota de participação" paga pela FPF. Na vida real, porém, os clubes têm dívidas com a federação e, portanto, ela não repassa os valores previstos. Como diria o poeta Vampeta, "eles fingem que pagam, eu finjo que jogo". Assim, sete times (Santacruzense, São Carlos, Joseense, Taboão da Serra, Mogi Mirim, Jaguariúna e Taquaritinga) desistiram antes de a bola voltar a rolar. Os outros 35 foram divididos em sete grupos, levando em conta a proximidade regional.

Ainda assim, são necessárias pequenas viagens. De Andradina, quase na divisa com Mato Grosso do Sul, a São José do Rio Preto, por exemplo, são três horas de carro. "O campeonato dura dois meses e custa perto de 60 000 reais por mês, contando as despesas com os atletas e a comissão técnica, viagens e alimentação", resume Irineu Rodríguez Gonzalez, presidente do Elosport, de Capão Bonito, a 182 quilômetros ao sul da capital. No ano passado, o time fez a pior campanha: jogou dez vezes e perdeu todas, com 37 gols sofridos e apenas três marcados (nas quatro primeiras rodadas deste ano, já tinha conquistado uma vitória, um empate e os mesmos três gols a favor).

O regulamento de 2020 prevê que os cinco times de cada grupo joguem todos contra todos duas vezes (ida e volta). Os dois primeiros colocados, mais os dois melhores terceiros colocados entre todos, passam para as oitavas de final. Daí em diante, todo o mata-mata é feito em apenas uma partida, até chegar à final, prevista para o dia 16 de dezembro. Como se não bastasse a falta de dinheiro, os participantes ainda vivem outro grande drama: a ausência de público impede que o

torneio, que sempre foi uma vitrine para jovens jogadores, seja acompanhado ao vivo pelos olheiros.

Em 2008 jogava no time do Pão de Açúcar (que depois viraria Audax) um certo Paulinho — que foi para o Bragantino, onde chamou atenção do Corinthians, clube pelo qual disputou a Libertadores de 2012, e chegou à seleção. Nos dois anos seguintes, o zagueiro do União Mogi era Felipe, que também passou pelo Braga e pelo Timão e hoje é titular do Atlético de Madrid, de Diego Simeoni. Lucas Lima, que fez sucesso no Santos antes de ser contratado pelo Palmeiras, começou disputando a quarta divisão com a Inter de Limeira, em 2011. E o meia Luan, ex-Grêmio e atual Corinthians, tem uma história ainda mais curiosa e surpreendente. Ele morava embaixo das arquibancadas do Tanabi e, em 2012, formou dupla de ataque com Túlio Maravilha.

Sim, a última divisão paulista também já foi refúgio de velhos boleiros que se recusavam a pendurar as chuteiras. Túlio, por exemplo, se manteve jogando por um capricho pessoal: marcar 1 000 gols como profissional. Viola (Tanabi, em 2013, e Taboão da Serra, em 2015 e 2016), Marco Antonio Boiadeiro (também no Tanabi em 2013), Müller (Fernandópolis, em 2015) e Edilson, o Capetinha (Taboão da Serra, em 2016), estão entre os veteranos que disputaram o torneio. Hoje, porém, isso não é mais possível. O regulamento só permite atletas com menos de 23 anos.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Entre os inscritos para 2020, há promessas com nomes de craques, como Zidane Castilhos Guedes, Matheus Zidany e Matheus Palermo, Lucas Lukaku dos Santos e Marcos Praxedes, o Kross. Outros trazem na certidão de nascimento a criatividade dos pais: Jhonkaermeson Pereira, Klywert Almeida de Jesus, Chriseverton Silva, Uinatan Conceição de Jesus, Tenner Costa e Uiclison Silva. E muitos chegam com os bons e velhos apelidos à moda brasileira: Cacimbinha, Pitbull, Tubarão, Oreia, Gordo, Tiririca e Cão Fuliento.

“É muito difícil: o nível técnico é fraco, a imprensa não acompanha e ninguém pode ir ao estádio ver os jogos”, desabafa Gonzalez, do Elosport. A solução encontrada pelo clube foi terceirizar o departamento de futebol. Entre as novidades da “nova gestão” estão a cobrança de 600 reais para quem quiser fazer um teste no time e a decisão de demitir o técnico Luiz Carlos Vilela, conhecido como Ferguson do Interior, em mais uma comparação pitoresca, desta vez com a longevidade do treinador escocês Alex Ferguson à frente do Manchester United.

Outros clubes tradicionais do estado, como o América de São José do Rio Preto e a Matonense, também aderiram à terceirização para não fechar as portas. Com o controle do futebol nas mãos de um empresário com conexões no futebol da Albânia (sim, isso também existe), seis jogadores do América foram enviados ao KF Turbina, do país europeu, na esperança de fechar algum contrato de venda capaz de fazer caixa (se tudo der certo, metade do dinheiro fica para o clube e a outra metade para a empresa parceira). Antes da quarentena, o time havia alinhavado um contrato com o técnico Pinho, batizado de Rei do Acesso, mas a situa-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Na arquibancada vazia, Severino Santos, motorista do Barcelona Capela *(à esq.)*, usa o vozeirão para incentivar o time: jovens sonham em ser descobertos, mas ninguém pode vê-los ao vivo nos estádios sem público

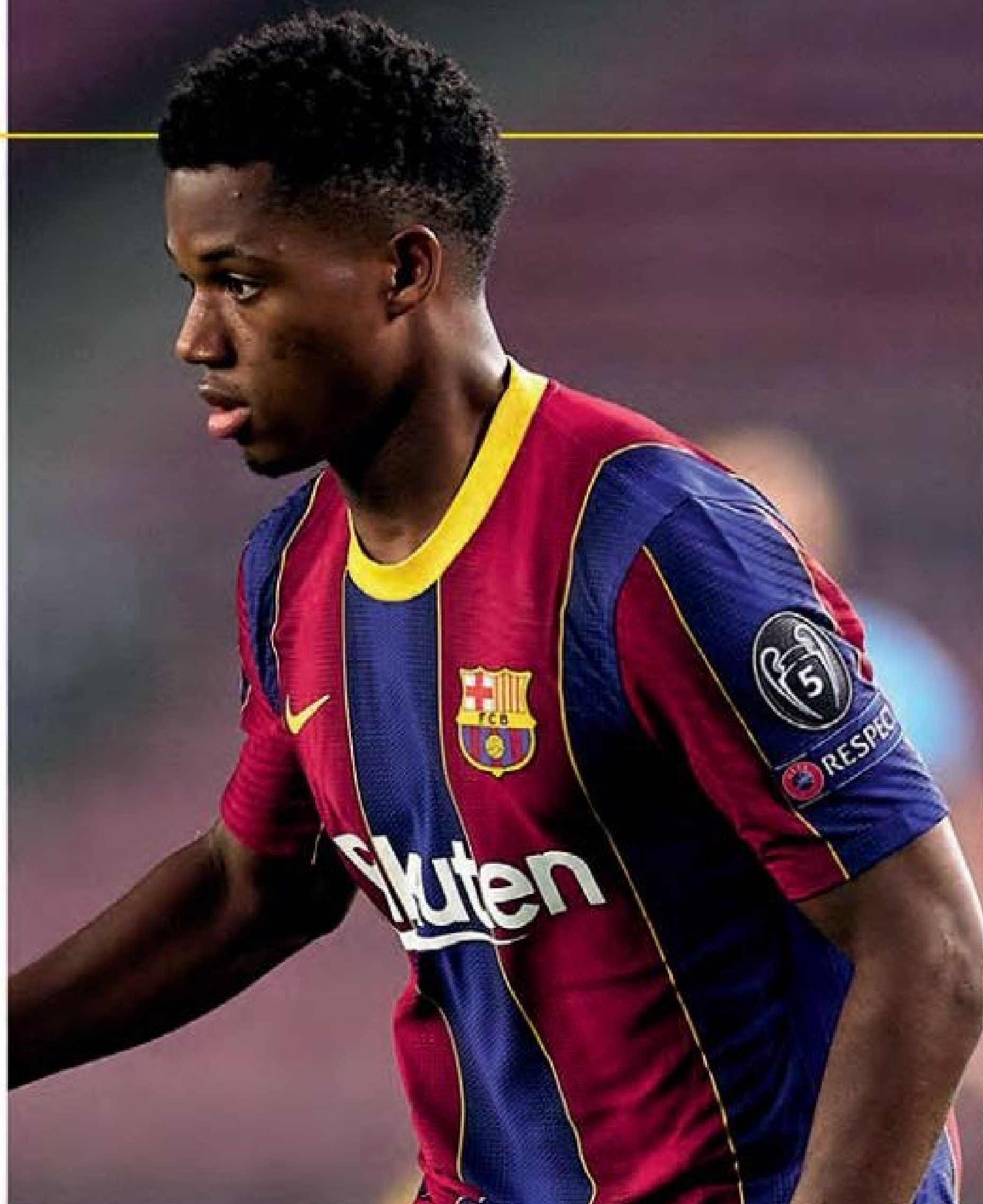
ção financeira do clube já estava difícil e ele recuou ao perceber que não havia garantias de receber o salário (o estádio está penhorado e as dívidas trabalhistas são estimadas em 10 milhões de reais).

Salário, aliás, é questão delicada. Tecnicamente, todos aqui são profissionais. Pelas regras do sindicato, isso significa que os atletas devem receber pelo menos um salário mínimo (1 045 reais) por mês. Mas PLACAR conversou com vários jogadores, que pediram para não ser identificados, e eles relataram que muitos clubes nem sequer pagam uma ajuda de custo (50 ou 100 reais por semana) aos atletas. "O pior é que esses jovens se submetem a isso achando que essa é a chance da vida deles", queixa-se Rinaldo Martorelli, presidente da entidade, que não recebeu, formalmente, nenhuma denúncia de irregularidade neste ano.

Em Guaratinguetá, a 176 quilômetros da capital, o Manthiqueira também sofre com a falta de recursos. No dia 27 de outubro, véspera do confronto com o São José, em São José dos Campos, o presidente Geraldo Márgelo de Oliveira, o Dado, ligava para amigos e empresários locais em busca de 1 400 reais para bancar a viagem, de menos de 90 quilômetros. Por sorte, um apoiador de Goiás depositou não apenas o valor necessário, mas 500 reais a mais, e o time conseguiu entrar em campo. "Eu uso esse dinheiro até para comprar comida para os jogadores", disse Dado a PLACAR. A situação do presidente é, no mínimo, tão delicada quanto a do clube. Por causa de dívidas acumuladas, ele precisou entregar a casa em que morava e passou a viver (com a mulher) no centro de treinamento. Como se não bastasse, a cozinheira foi demitida e ele agora acumula os dois cargos. "Chamam a gente de loucos, e somos mesmo."

Diante de tanta penúria, a própria FPF viu-se obrigada a bancar um gasto muito importante neste momento: a realização dos testes para detecção do coronavírus. Pelo acordo original, os clubes e a federação dividiriam (meio a meio) essa despesa antes de cada jogo. Na primeira rodada, conta Moisés Cohen, médico da entidade, houve vários problemas. "Alguns clubes fizeram os testes rápidos, outros demoraram mais de uma semana para entregar."

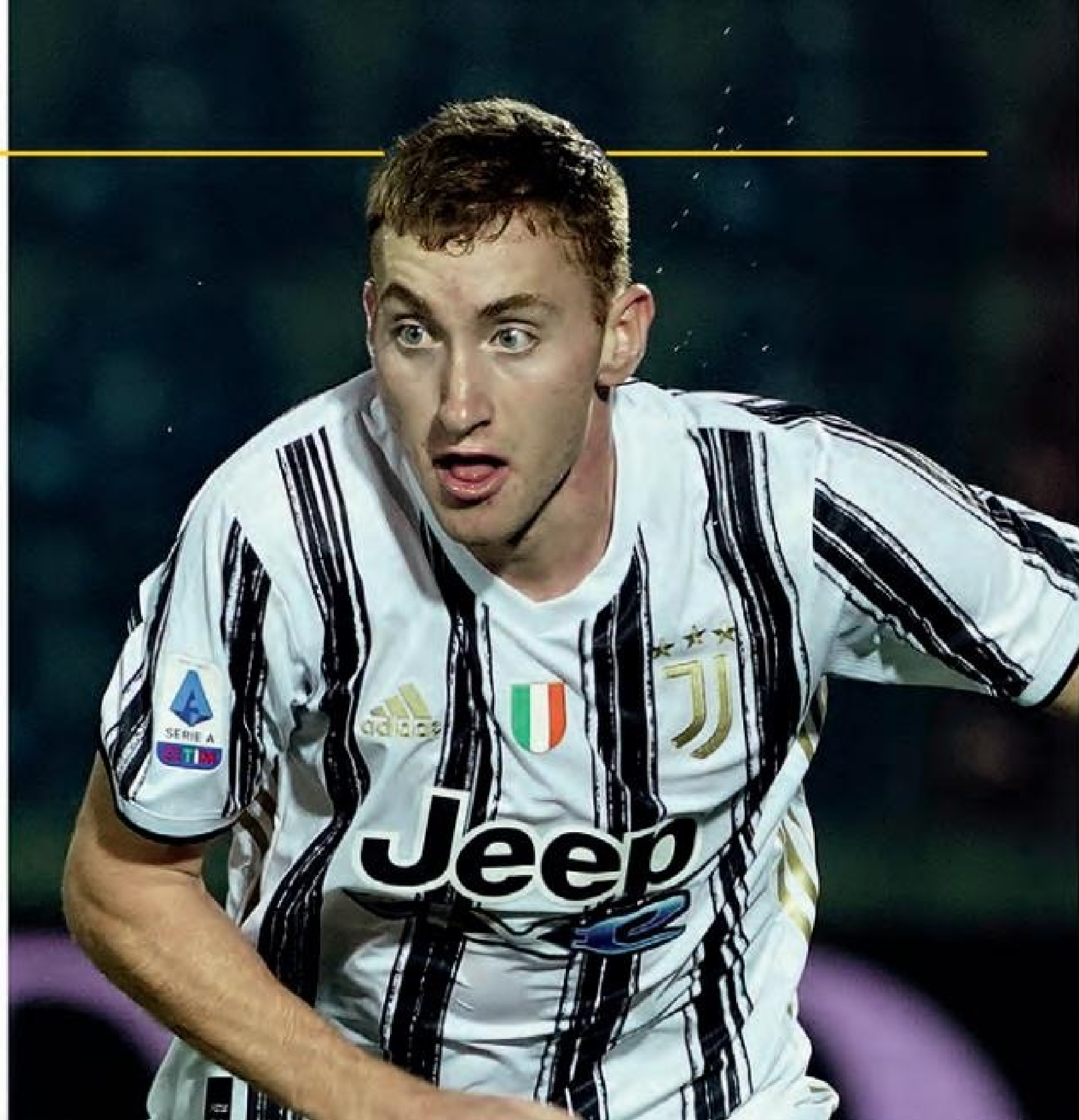
Eduardo Moutinho, conselheiro do Taquaritinga, afirma que o custo dos exames foi estimado em 28 000 reais. "Como fazemos para levantar tanto dinheiro com portões fechados?" Luiz Henrique de Oliveira, presidente do Mogi, destaca ainda um aspecto legal envolvido na questão. "Queriam que o presidente e o médico do clube assumissem a responsabilidade civil e criminal por qualquer problema relativo à doença." A solução encontrada foi passar a fazer todos os testes no laboratório do Hospital Albert Einstein, que já tem um convênio com a federação — sem cobrar nada dos times. "Só estamos disputando o campeonato porque não corremos o risco de ser rebaixados", completa Moutinho, do Taquaritinga. Em tempo: naquele sábado de sol, o Jabaquara ganhou de 3 a 0. ■

ROLAND KRIVEC/DEFODI IMAGES/GETTY IMAGES

PEDRO SALADO/QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES

A MAIOR VIT

ALPHONSO DAVIES
País: Canadá
Data de nascimento: 2 de novembro de 2000
Clube: Bayern de Munique
Valor estimado: 180,4 milhões de euros

ANSU FATI
País: Guiné-Bissau
Data de nascimento: 31 de outubro de 2002
Clube: Barcelona
Valor estimado: 122,7 milhões de euros

STUART MACFARLANE/ARSENAL FC/GETTY IMAGES

GETTY IMAGES

TRINE

A Champions é o espaço para brilhar, seja para os craques consagrados, seja para as novas estrelas, que sonham com contratos milionários e em levar seus times a conquistas inesquecíveis

BUKAYO SAKA
País: Inglaterra
Data de nascimento: 5 de setembro de 2001
Clube: Arsenal
Valor estimado: 95,8 milhões de euros

DEJAN KULUSEVSKI
País: Suécia
Data de nascimento: 25 de abril de 2000
Clube: Juventus
Valor estimado: 75,1 milhões de euros

Todo mundo sabe que a Champions League é o maior campeonato de clubes do mundo. Os times mais ricos, os melhores jogadores, estádios lendários com seus gramados impecáveis — e até um VAR que ajuda mais do que atrapalha (intervenções quase sempre rápidas e precisas). A cada ano, 32 equipes buscam a glória eterna (ops, esse é o slogan de outro torneio, pelas bandas de cá, ao Sul, que sonha em conquistar um tantinho de relevância e audiência), por mais que na imensa maioria das vezes somente os mesmos "suspeitos" de sempre consigam chegar às finais.

A fase de grupos da temporada 2020/2021 da Champions começou na segunda quinzena de outubro, e a magia apareceu com força logo na terceira rodada. Num único dia — 3 de novembro, terça-feira — foram 35 gols em apenas oito jogos, média superior a quatro por partida. No encerramento dos confrontos de ida, várias previsões se confirmaram. Bayern de Munique (atual detentor do troféu), Liverpool (campeão do ano anterior), Barcelona e Manchester City ganharam os três — 100% de aproveitamento.

Antes de a bola rolar, falava-se que alguns pequenos poderiam surpreender positivamente. Não foi desta vez. O Midtylland, da Dinamarca, e o RB Salzburg, da Áustria, não conseguiram sequer uma vitória no "turno" e levaram, respectivamente, oito e onze gols. Idem para o Krasnodar, da Rússia, e o Rennes, da França, que só empataram (entre si) na estreia e depois não foram páreo para Chelsea e Sevilla.

A exceção que confirma a regra foi protagonizada pelo novato Istanbul Basaksehir, que conseguiu, contra o Manchester United, não só marcar pela primeira vez na Liga dos Campeões — fez logo dois gols ainda no primeiro tempo — como derrotou o badalado time inglês por 2 a 1, com direito a grande festa dos

ANGELO BLANKESPOOR/SOCCRATES/GETTY IMAGES

ERLING HAALAND
País: Noruega
Data de nascimento: 21 de julho de 2000
Clube: Borussia Dortmund
Valor estimado: 120,3 milhões de euros

FERRAN TORRES
País: Espanha
Data de nascimento:
29 de fevereiro de 2000
Clube: Manchester City
Valor estimado:
106 milhões de euros

JADON SANCHO
País: Inglaterra
Data de nascimento:
25 de março de 2000
Clube: Borussia Dortmund
Valor estimado:
125,6 milhões de euros

torcedores no estádio (sim, em alguns países, como Rússia, Ucrânia e Hungria, além da própria Turquia, os portões estão abertos de novo).

Entre os grandes, três patinaram nesse início de torneio. O todo-poderoso Real Madrid foi batido no primeiro jogo (em casa, pelo Shakhtar Donetsk), empatou o segundo (na Alemanha, contra o Borussia Mönchengladbach) e só conseguiu o primeiro triunfo num encontro tenso contra a Inter de Milão (3 a 2, na capital espanhola). A própria Inter mostrou ainda menos. Além dessa derrota, somente dois empates. E o Paris Saint-Germain (atual vice-campeão) perdeu para o Manchester United e o RB Leipzig e ganhou apenas do Istanbul Basaksehir. Como se não bastasse, viu Neymar se machucar no aquecimento da partida com o time turco e também ficou sem Mbappé. A esperança está toda no returno, quando será o mandante duas vezes.

Há um atrativo adicional na Champions: o desempenho individual dos jogadores, em busca do troféu de "melhor do mundo". Cristiano Ronaldo, é fato, esteve fora de combate, contaminado pelo novo coronavírus — ao voltar, contra o Ferencváros, não fez quase nada. Lewandowski segue em sua saga de maior artilheiro da Europa na atualidade — e anotou mais dois gols pelo Bayern nos primeiros três confrontos. E, como sempre, Messi brilhou: fez um gol por jogo pelo Barça. Outro que balançou as redes toda vez foi o norueguês Erling Haaland, do Borussia Dortmund: um na Lazio, um no Zenit e dois no Brugge.

Assim como ele, o português Diogo Jota e o inglês Marcus Rashford saíram na frente na batalha pela artilharia, com quatro gols cada um. A diferença é que os dois atacantes, ambos de 23 anos, marcaram três vezes num só jogo: Rashford no 5 a 0 do Manchester United contra o RB Leipzig e Jota no 5 a 0 do Liverpool em cima da Atalanta. E o "veterano"

JOHN SIBLEY/POOL/GETTY IMAGES

MASON GREENWOOD
País: Inglaterra
Data de nascimento: 1º de outubro de 2001
Clube: Manchester United
Valor estimado: 115,3 milhões de euros

Fonte: Observatório de Futebol do Centro Internacional de Estudos Esportivos

ALEX LIVESEY/DANEHOUSE/GETTY IMAGES

PHIL FODEN
País: Inglaterra
Data de nascimento: 28 de maio de 2000
Clube: Manchester City
Valor estimado: 70,3 milhões de euros

GONZALO ARROYO MORENO/GETTY IMAGES

RODRYGO
País: Brasil
Data de nascimento: 9 de janeiro de 2001
Clube: Real Madrid
Valor estimado: 69,9 milhões de euros

francês Alassane Pléa, 27 anos, também fez o seu *hat trick*, na goleada do Borussia Mönchengladbach por 6 a 0 contra o Shakhtar Donetsk.

Mas muitos olhos estão mesmo voltados para promessas ainda mais jovens, que querem ocupar seu espaço nesse firmamento. Por mais que nenhum dos dois planeje pendurar as chuteiras, é fato que Cristiano Ronaldo já tem 35 anos e Lionel Messi, 33. Isso deixa uma porta entreaberta para o que se poderia chamar de início de uma passagem de bastão. No começo de novembro, o Observatório de Futebol do Centro Internacional de Estudos Esportivos (Cies, na sigla em inglês) divulgou uma lista com os jogadores nascidos nos anos 2000 mais valiosos atualmente. Alphonso Davies, canadense natural de Gana e lateral-esquerdo do Bayern, aparece no topo, avaliado em 180,4 milhões de euros.

Em seguida, vêm o inglês Jadon Sancho, atacante do Borussia Dortmund, e Ansu Fati, nascido na Guiné-Bissau, ponta do Barcelona *(veja alguns integrantes da lista ao longo desta reportagem)*. O já citado Haaland, também do Dortmund, é o quarto colocado. O brasileiro mais bem posicionado nesse ranking é outro atacante: Rodrygo, do Real Madrid (que saiu do banco para garantir o terceiro gol da sofrida vitória sobre a Inter de Milão e tem seu passe estimado em 69,9 milhões de euros pelo Cies). A fase de grupos da Champions termina em 9 de dezembro. Cinco dias depois, a Uefa sorteia os cruzamentos das oitavas de final, cujos jogos estão marcados para fevereiro e março. A grande final será em Istambul, no dia 29 de maio de 2021. Até lá, muito futebol de qualidade deve rolar. E muitos craques (velhos conhecidos e novas caras) vão mostrar por que o planeta adora esse esporte. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

RICARDO BELIEL

Mário Vianna: engraxate, empacotador de velas e árbitro

RICARDO CORREA

Kaká, ainda adolescente, ao começar a carreira no São Paulo

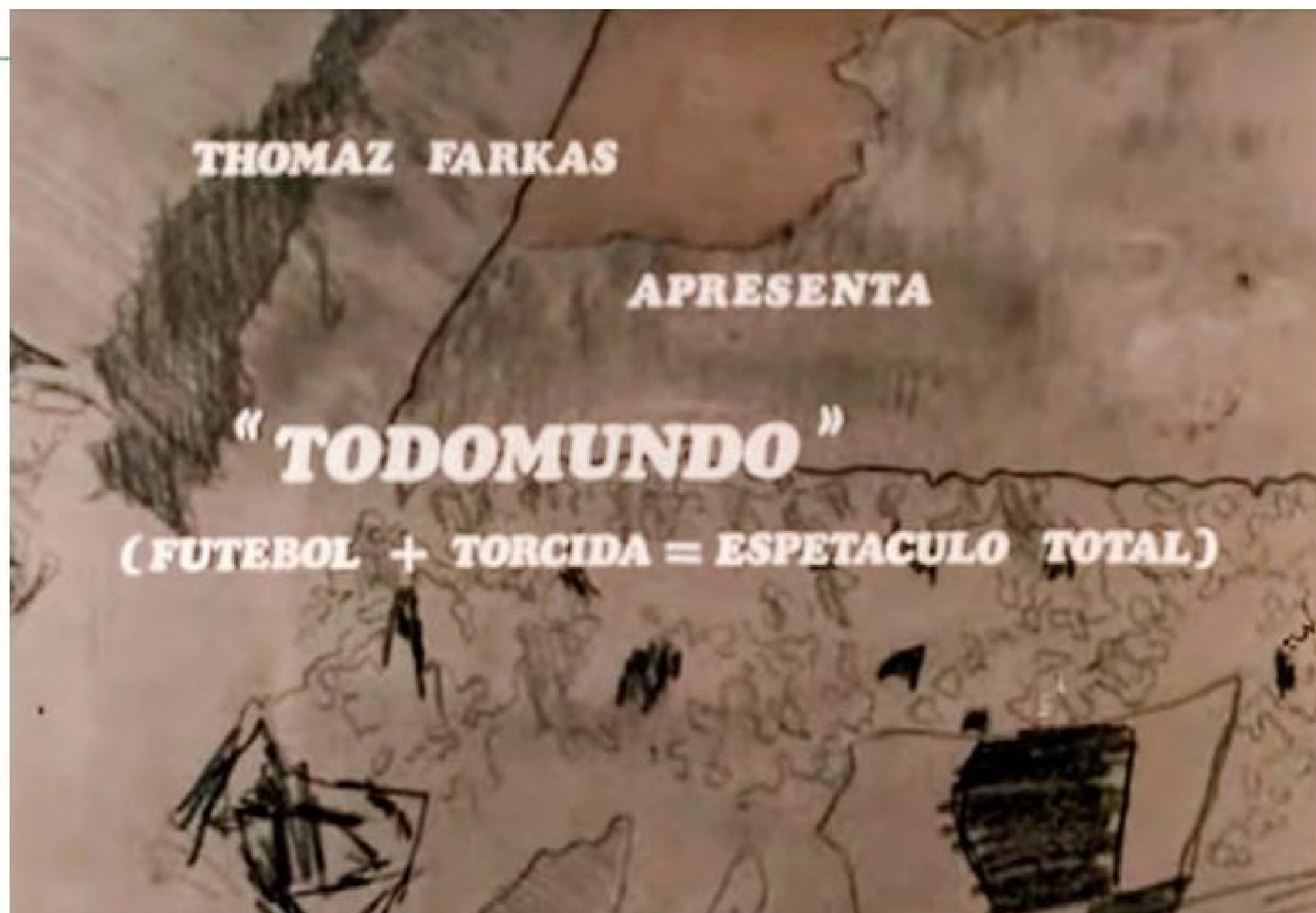
ASSOCIAÇÃO CULTURA INGLESA SÃO PAULO

Charles Miller: duas bolas de capotão na bagagem

O CINEMA EM CAMPO

Quatro filmes e uma provocação para renovar o interesse pelo futebol em tempos de pandemia — por que quase não há boas produções tendo o jogo como tema?

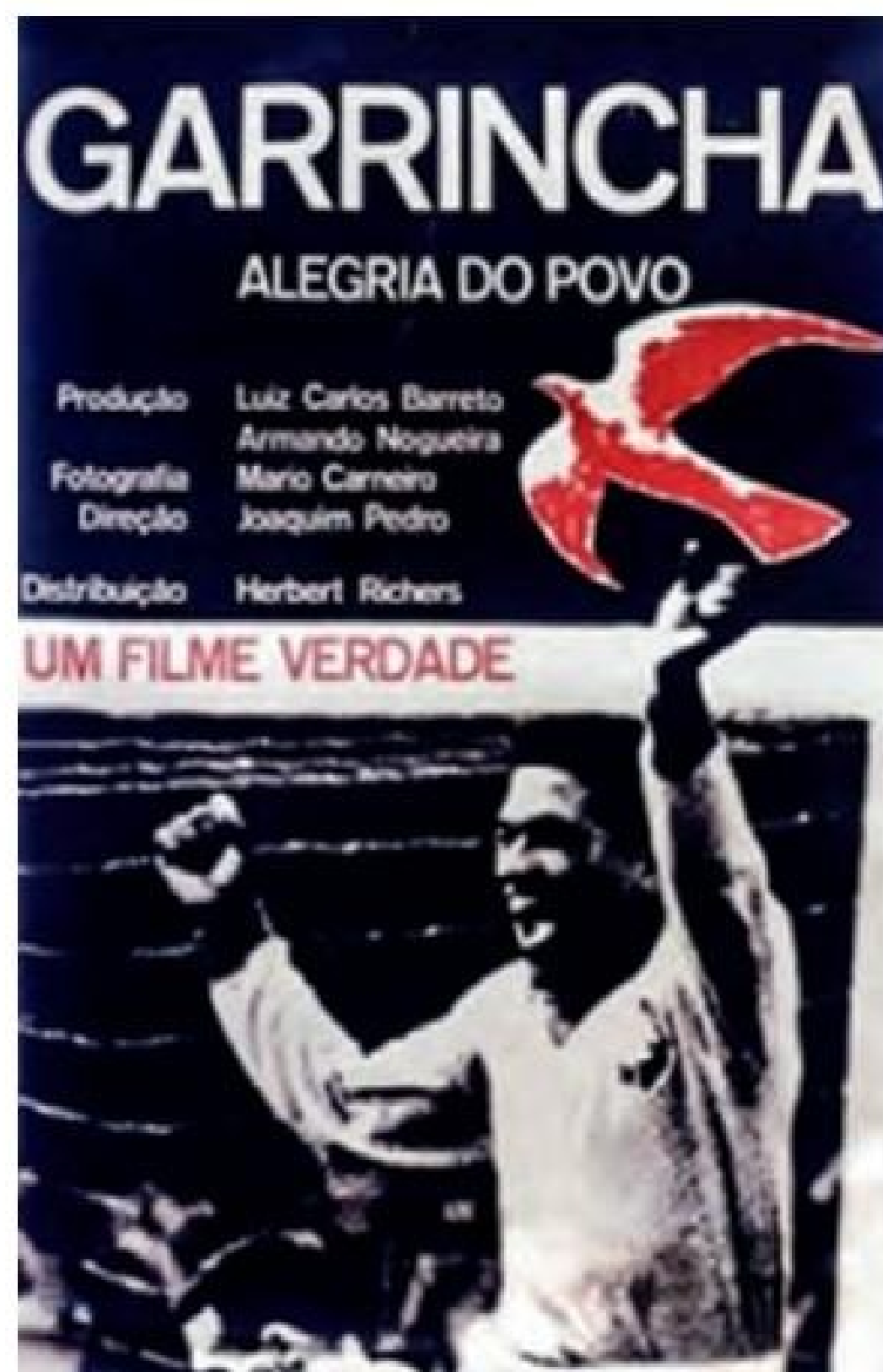
Tato Coutinho – *Agência Grama*

Os jogos em estádios vazios, com o áudio das torcidas reproduzido em alto-falantes para conferir alguma graça às transmissões, nos fazem refletir sobre um dos muitos clichês a rondar o futebol — não há cinema à altura do esporte.

A cena à esquerda e a tela de apresentação acima definem o encontro do cinema com o futebol em *Todomundo*, de Thomaz Farkas: a emoção é fundamental

Um documentário menos conhecido, mas à altura do craque: como Tostão em campo, o roteiro joga sem a bola, deixando espaços a ser preenchidos

FOTOS REPRODUÇÃO

Antes, um passe de lado. Não que não haja filmes sobre futebol. Existem, sim, e o Netflix está cheio deles, mas a maioria padece de um problema fundamental, exposto em *Pelé Eterno* (2004), de Anibal Massaini Neto, tomado como medida para sustentar a canelada inicial na esteira dos 80 anos do jogador. Para além da pesquisa exaustiva, com cerca de 400 dos 1 281 gols anotados pelo rei, sua mais destacada contribuição narrativa é justamente o que o esvazia como um bom filme sobre o tema — a digitalização daquele que o próprio Pelé considera o seu *Cidadão Kane*, o seu *Oito e Meio*, o seu *Um Corpo que Cai*. Como se sabe, não há registro em vídeo dos três lençóis seguidos, sem deixar a bola cair no chão, antes do arremate de cabeça nos 4 a 0 a liquidar o Juventus no Campeonato Paulista de 1959. E aí Massaini vai lá e recria o lance digitalmente. Pode parecer uma boa ideia, mas o que se vê é a obra-prima de Pelé reduzida a uma jogada de videogame, naquele ritmo das coisas que não podem ter acontecido de verdade.

FOTOS REPRODUÇÃO

No documentário de Joaquim Pedro de Andrade, Garrincha é o Macunaíma do futebol: um herói improvável

O jornalista e escritor Sérgio Rodrigues — autor de *O Drible* (2013), o primeiro romance nacional a calçar chuteiras, confronto entre pai e filho mediado pela incontornável finta de Pelé sobre o uruguaio Mazurkiewicz — oferece substância à discussão ao argumentar que o futebol é uma narrativa tão autossuficiente que prescinde da invenção. De tão falado e associado a tantas linguagens, torna-se quase impossível abordar o tema de maneira original, ele sustenta. Talvez por isso, e aqui a assistência é nossa, a literatura se saia melhor do que o cinema na aventura de representá-lo — como os três lençóis de Pelé na Rua Javari, o futebol é jogado no reino da liberdade, único na imaginação de cada um. Sendo assim, imagem alguma terá a força de capturá-lo em sua integridade e essência, a não ser as imagens do jogo em si — mas aí não será cinema. Muito menos bom cinema.

Por isso Pelé é apenas um canastrão em *Fuga para a Vitória* (1981), um dos últimos filmes do mestre John Huston. Por maior que seja o apuro nas cenas de futebol, em que o time de um campo de prisioneiros enfrenta os oficiais nazistas em partida que encobrirá uma tentativa de fuga, o que se vê na tela é como uma jogada ensaiada, artifício quase sempre sem brilho mesmo quando dá certo. Se o filme é bom? Vale assisti-lo, mas o futebol não chega a ser um astro — como Silvester Stallone no gol — em uma história clássica de guerra.

Em contrapartida, o futebol mostra toda a força narrativa a que Sérgio Rodrigues se refere numa ponta em *O Segredo de Seus Olhos*, thriller argentino que levaria o Oscar de melhor filme estrangeiro em 2010. Os elementos que o constituem — o poder do acaso, a tensão do confronto, o tempo mítico que instaura — estão todos lá no espetacular plano-sequência de quase cinco minutos em um dia de jogo no estádio do Huracán. A importância do evento em si é lateral para a história, mas seu clímax não se estabeleceria tão poderoso de outra forma. "As pessoas podem trocar tudo: de cara, de casa, de família, de namorada, de religião, de Deus", diz o parceiro de Ricardo Darín pouco antes de partirem para o jogo, intuindo a melhor pista para chegar ao assassino que perseguem — "mas não de paixão". Se o filme é bom? Sim, mas não se pode dizer um "filme de futebol".

Outro prodígio técnico a se valer da força narrativa do jogo para sustentar um filme apenas correto é a sequência final de *O Milagre de Berna* (2003), na decisão da Copa de 1954, em que a Alemanha bateu a supostamente imbatível Hungria de Puskás *(leia o spoiler completo na pág. 58)*. O brilho aqui não vem, evidentemente, do uso de uma vitória improvável como metáfora para a

reconstrução das relações desfeitas entre pais e filhos na Europa do pós-guerra, mas, sim, da arriscada recriação de uma partida histórica. A dinâmica dos jogadores em campo é notável pela verossimilhança. Se vale assisti-lo? Vale, sobretudo se você se der o trabalho de confrontar os enquadramentos e gols — é uma pena que não tenham recriado todos — com os registros originais da Fifa.

Tudo isso posto, na reflexão do que o cinema tem a ver com o futebol e o que o futebol tem a ver com a arte, indicamos quatro filmes para você pensar no que há para ser visto na televisão, desses jogos da Champions e da Libertadores sem torcida às dezenas de produções sobre o esporte nos Netflix da vida. À sua maneira, eles revelam uma dimensão do futebol que vem sendo abandonada pelo próprio futebol e que talvez só mesmo alguns documentários como estes consigam registrá-la, senão restaurá-la, para o bem das futuras gerações.

Tostão, a Fera de Ouro (1970), dos bissextos Paulo Laender e Ricardo Gomes Leite, é uma maravilha discreta como o seu personagem central. Lançado pouco antes da Copa que o consagraria com a geração da conquista definitiva da Jules Rimet, mistura momentos de sua vida privada, com um registro peculiar do drama da retina descolada, a cenas das eliminatórias para o México, à moda do Canal 100. Tostão estava voando em campo, artilheiro com dez dos 23 gols da campanha, à frente de Pelé e Jairzinho. A trilha sonora, com canções e um tema instrumental de

Canastrão em *Fuga para a Vitória (ao lado)* e em grande forma em *O Milagre de Berna:* narrativa autossuficiente, o futebol impõe barreiras à ficção

FOTOS A.F. ARCHIVE/ALAMY/FOTOARENA, REPRODUÇÃO

Milton Nascimento, dói ao sublinhar a certeza de que a emoção daqueles tempos — nem melhor nem pior que a eventual emoção dos dias de hoje — não existe mais.

Garrincha, Alegria do Povo (1962) é a mãe de todos os bons filmes de futebol, da dessacralização do mito à abordagem crítica do jogo como ferramenta de alienação do povo. Datado? Estávamos às portas do golpe militar, que se incensaria com a glória construída com a ajuda "dos joelhos em rajada" de Garrincha. Dirigido por Joaquim Pedro de Andrade como um Macunaíma do futebol, o filme é cru, sem firulas, mostrando o jogador descalço nas peladas de Pau Grande, onde cresceu, em contraste com seus jogos demolidores pelo Botafogo e pelo Brasil. O final, com o maracanazo de 1950 a lembrar que a alegria do povo é fugaz, seria profético ao insinuar o triste fim de Mané.

Todomundo (1980), do fotógrafo Thomaz Farkas, é o mais radical e simbólico neste momento de futebol sem torcida. De narrativa livre como a de um clássico, com roteiro do próprio Farkas e textos de Alberto Helena Jr., o curta (35 minutos) se dedica à energia libertária do torcedor em transe em dias de casa cheia. A cena do corintiano com a carcaça de um peixe pendurada na ponta de uma vara em jogo com o Santos funciona como vacina a criar anticorpos contra a monotonia das transmissões atuais. O filme se completa com **Subterrâneos do Futebol** (1965, 32 minutos), realização de Maurice Capovila com produção do mesmo Farkas, mais voltado para a realidade do jogador e seus desafios de então — senão os mesmos de hoje. A entrevista de Pelé, a caminho dos 30, é lapidar: "Eu acho que o jogador de futebol é um escravo, não tem dia marcado, não pode fazer compromisso com ninguém. E, outra, porque é uma profissão de quinze anos. (...) O jogador que tem sorte de nesses quinze anos fazer o seu pé de meia está bem, mas o que não tem sorte (...) futuramente como viverá?". ■

"O VAR SOU EU"

Bem depois do rei francês Luís XIV, mas muito antes da invenção do árbitro de vídeo, Mário Vianna já era uma estrela do apito

IGNACIO FERREIRA

Num tempo em que a sigla VAR não queria dizer absolutamente nada (só no fim dos anos 1960 ela batizaria uma Vanguarda Armada Revolucionária, que lutava contra a ditadura militar, e cinco décadas depois ela voltaria para o recém-criado *Video Assistant Referee,* ou Árbitro Assistente de Vídeo, tão criticado aqui no Brasil), um juiz de futebol reinava nos gramados. Mário Gonçalves Vianna, seu nome tinha "dois enes" e não se cansava de ser forte, prepotente, arrogante e incapaz de levar um desaforo para casa. "Não tocou na bola, mas teve a intenção. É pênalti, não admito discussões", disse certa vez, resumindo o espírito Mário Vianna de ser, um velho "jeito" do futebol que certamente levou muita gente a apoiar a invenção do atual VAR.

Ele nasceu em 6 de setembro de 1902, foi baleiro, engraxate, jornaleiro, empacotador de velas, fiscal da Guarda Civil e da Polícia Especial. Depois, atuou durante 25 anos como árbitro (apitou nas Copas de 1950 e 1954), quando se tornou o mais famoso e importante do país. Teve uma breve carreira de técnico: entre 1957 e 1958 dirigiu o Palmeiras em dezesseis jogos, com quatro vitórias, quatro empates e oito derrotas. No ano seguinte, passou a ser comentarista de arbitragem no rádio — e voltou a fazer grande sucesso com seus bordões, como "Banheeeeeeeeira" e "Gooooooool leeeeeee gaaaaaaaal". Morreu, também no Rio de Janeiro, em 16 de outubro de 1989.

PLACAR sempre acompanhava as aventuras de Mário Vianna. Na coluna Histórias do Futebol, o jornalista e cronista Sandro Moreyra relatava suas impagáveis histórias. Antes da Copa de 2006, a revista lançou uma coleção contando a "Saga da Jules Rimet". No capítulo dedicado ao Mundial de 1954, um pequeno quadro sobre o jogo Suíça 2 x Itália 1 tinha o suges-

Em 1985, aos 83 anos, Vianna era comentarista de arbitragem e todos os dias nadava ou jogava vôlei por duas horas

tivo título de "Ladrão. E brasileiro". "A crônica esportiva europeia atribuiu boa parcela do resultado final ao juiz brasileiro Mário Vianna, que teria tolerado o jogo pesado e desleal dos donos da casa e coibido qualquer tentativa italiana de dar o troco na mesma moeda." Já o jornal italiano *Gazzetta dello Sport* não poupou palavras: "*Arbitraggio scandaloso!*". Na época, Mário Vianna afirmou que os árbitros da Fifa eram todos ladrões. A federação mandou-lhe um ofício pedindo que se retratasse. Como não o fez, foi banido do quadro da entidade.

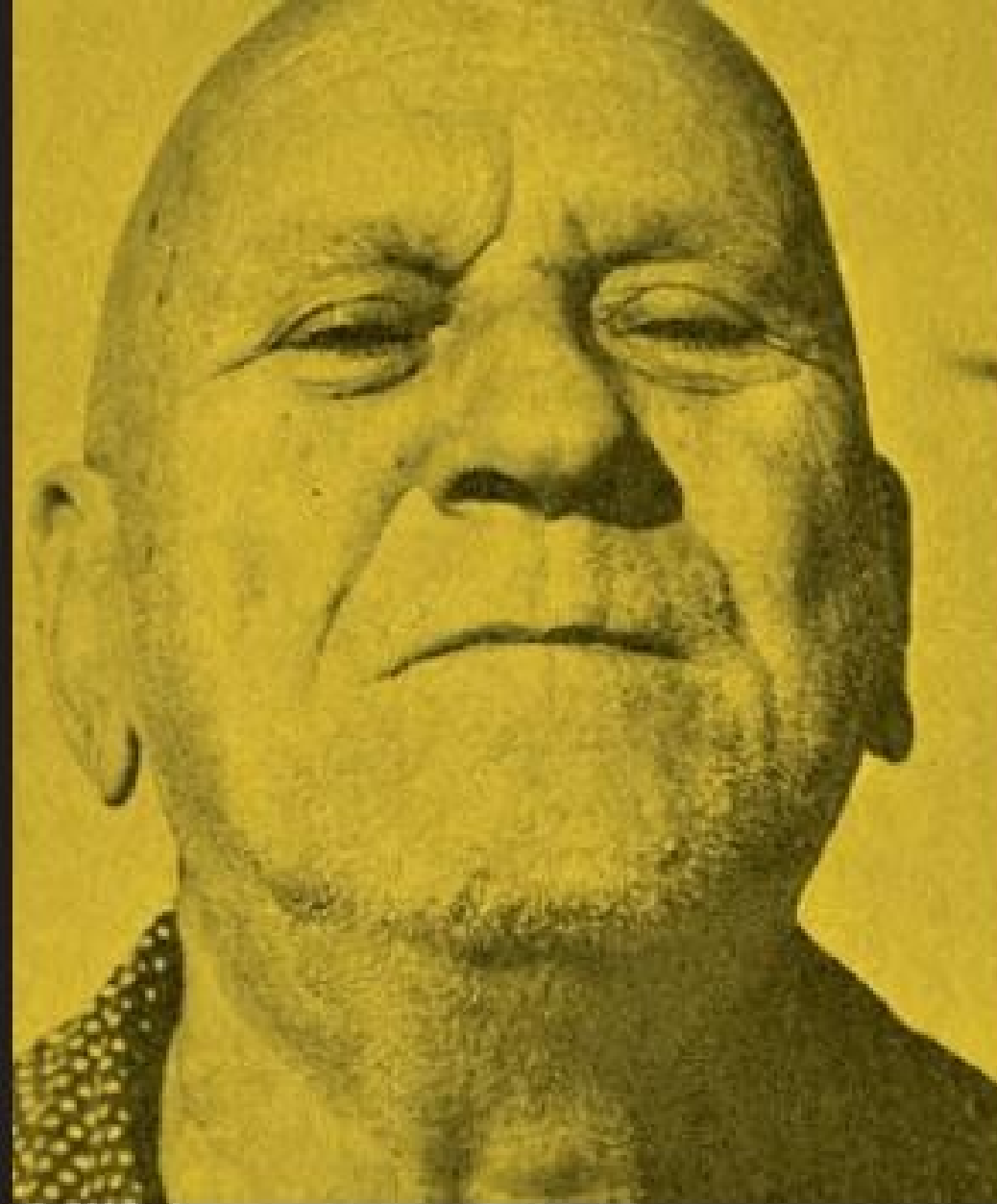
Em setembro de 1985, o repórter Palmério Dória publicou longa entrevista com o "Rambo à brasileira". "Firme aos 83 anos, completados neste mês, o comentarista e ex-juiz de futebol Mário Vianna é um fenômeno: nada e joga vôlei pelo menos duas horas por dia, guia o próprio automóvel e mantém uma imensa popularidade na Urca, bairro da Zona Sul carioca onde vive com a segunda mulher, Maria, 63 anos." A seguir, alguns dos principais trechos daquela conversa.

Como era apitar nos anos 1940 e 1950?

Vianna — Quando eu comecei, não tinha alambrado, nada. Os campos eram todos abertos. No Flamengo, uma árvore cobria o vestiário onde trocávamos de roupa, e o pessoal ali em cima, jogando pedra.

O senhor chegou a ser atingido algumas vezes?

Vianna — Uma vez, num Flamengo x Botafogo, em 1943, me jogaram uma garrafa nas costas. Peguei a garrafa, fiz menção de jogar e não joguei. Então atiraram a segunda. Fui à beira do alambrado e devolvi. Aí começaram a jogar as cadeiras na minha direção. Eles jogavam e eu devolvia.

FOTOS RICARDO BELIEL

Falastrão e irascível, Vianna protagonizou inúmeras histórias absurdas como juiz, no Brasil e em duas Copas do Mundo, numa época em que os erros eram ainda mais comuns do que hoje

E na Copa do Mundo?

Vianna — Em 1954, no jogo Suíça x Itália, marquei um impedimento do italiano Boniperti, que veio com tudo para cima de mim. Ele meteu a mão no meu peito, me deu um empurrão e eu lhe dei um pau *(dá um soco com a mão direita fechada na esquerda, espalmada)*. Chamei um intérprete e falei: "Pode tirar de campo, até melhorar". Ele voltou e não houve mais nada.

O que faz um bom juiz?

Vianna — Ele tem de ter a lei e o regulamento na cabeça, um preparo físico 100% para ter bom raciocínio e presença nas jogadas. O fundamental é saber fazer a interpretação da lei.

Como anda o nível das arbitragens atualmente?

Vianna — Péssimo. Tenho visto cada coisa nos últimos tempos...

Quem eram os jogadores mais catimbeiros no seu tempo?

Vianna — Um deles era o Heleno de Freitas. Muito meu amigo, mas dentro de campo... Uma vez eu pedi a ele que me trouxesse da Argentina o disco de tango *Uno*, que acabara de ser lançado. Ele voltou e nada de me entregar o disco. Um belo dia, o Botafogo foi jogar contra o São Cristóvão. Na hora de assinar a súmula, ele vem e me entrega o disco. Para não deixar dúvida, adverti-o na primeira e botei pra fora na segunda, aos dezesseis minutos do primeiro tempo.

Qual a sua filosofia?

Vianna — A melhor defesa é o ataque.

Além de brigar, o senhor pratica outros esportes?

Vianna — Meus esportes sempre foram a natação e a dupla de vôlei.

E o senhor já apanhou?

Vianna — Sim, num jogo de vedetes cariocas e paulistas que eu apitei no Maracanã. Levei um pontapé na bunda e quase perdi as estribeiras, mas me lembrei que ela era mulher. ■

ERA UMA VEZ UM ÍDOLO ADOLESCENTE

Kaká foi criado dentro do São Paulo. Sócio do clube, jogava futebol de salão e de campo — e foi lançado nos profissionais em 2001, com 19 anos. PLACAR estava lá, acompanhando o passo a passo da promessa que virou craque

Aproveitando a onda de sucesso da banda adolescente KLB (sim, existiu uma banda com esse nome e, sim, ela fazia sucesso), um trio de boleiros prometia "conquistar a torcida inteira". Em primeiro plano, o já consagrado Leonardo (tinha estado nas Copas de 1994, como lateral-esquerdo do São Paulo, e de 1998, como meia do Milan), o L da nova trinca. Logo atrás, duas jovens promessas: Júlio Baptista (o B) e Kaká (o K), ambos integrantes da seleção brasileira que disputara o Mundial Sub-20 na Argentina, no mês anterior. Mais do que a esperança de um novo ciclo de bom futebol para o torcedor tricolor, a revista, de julho de 2001, ficou nos arquivos como a primeira em que Ricardo Izecson dos Santos Leite, o tal Kaká, apareceu na capa de PLACAR.

No texto, assinado por Arnaldo Ribeiro, eles eram apresentados como "os favoritos das adolescentes são-paulinas" e o time, que ha-

Três visões do jovem Kaká: na final do Rio-São Paulo *(na pág. ao lado)*, posando com a bandeira do Brasil e na primeira vez em que apareceu na capa da revista, com Leonardo e Júlio Baptista

SEMANAL

PLACAR

APENAS 1,99

POLÊMICA • RANKING PLACAR

O CAMPEÃO DOS CAMPEÕES

CORINTHIANS, FLAMENGO, GRÊMIO, PALMEIRAS, VASCO, SÃO PAULO... QUEM É O CLUBE BRASILEIRO MAIS VITORIOSO DA HISTÓRIA?

CORINTHIANS: QUEM É ROQUE CITADINI

FELIPÃO: UÉ, ELE NÃO ERA O GÊNIO DO BRASIL?

FLAMENGO: REINALDO FAZ GOLS EM NOME DO PAI

INCRÍVEL: DJALMA DETONA NA LOTECA

CRUZEIRO: O TREM AZUL FICOU AINDA MAIS FORTE

ENTREVISTAS: JÚNIOR BAIANO E MARINHO

KLB

KAKÁ, LEONARDO E (JÚLIO) BAPTISTA

ELES SÃO OS QUERIDINHOS DAS ADOLESCENTES SÃO-PAULINAS (E ATÉ DAS DE OUTROS TIMES). JUNTOS, PODEM CONQUISTAR A TORCIDA INTEIRA

FOTOS RICARDO CORREA, ROGERIO PALLATTA

EDUARDO MONTEIRO

via acabado de chegar à final da Copa dos Campeões, se preparava com afinco para o Campeonato Brasileiro (terminou a primeira fase em sétimo lugar e caiu nas quartas de final para o então Atlético Paranaense, que seria o campeão) e a Mercosul (não passou da fase de grupos). "O meio-campo, o coração do time, deve mudar, e muito, para melhor", cravou a revista.

Na época, o elenco contava com nove meio-campistas: além dos três já citados, Carlos Miguel, Fabiano, Fabio Simplício, Harison, Reinaldo e Souza. "A concorrência é sempre uma boa. Você nunca se acomoda dessa forma", dizia Kaká, que já era assediado para sair do clube. "O São Paulo não quer vendê-lo agora. O Kaká também não quer sair. O objetivo dele é se firmar como titular e buscar um espaço na seleção principal", explicava seu empresário, Wagner Ribeiro. Criado no Morumbi, o jovem meia tinha apenas 12 anos em 1994, quando Leonardo deixou o tricolor para atuar na França, e já jogava futebol de salão e futebol de campo no departamento social do clube.

No fim de agosto, Kaká estava novamente na capa de PLACAR. Dessa vez, sozinho pela primeira vez. A pergunta era direta: "Sai daqui um Raí?". Menos de dois meses haviam se passado e ele já era destaque e artilheiro do tricolor. Vale lembrar que, no início do ano, Kaká havia feito dois gols na final do Torneio Rio-São Paulo e, mais uma vez, a revista apostou alto na "promessa". "A posição em campo é a mesma; a vocação para fazer gols, também; o carisma junto aos torcedores, parecido; a pinta de bom-moço, idem; o assédio dos (ou das) fãs se assemelha..." Logo em seguida, havia uma tentativa de se dissociar das comparações. "Como Caio, hoje no Fluminense, ele mo-

Pela seleção, Kaká disputou o Mundial Sub-20 na Argentina, em 2001: as boas atuações não evitaram a derrota para Gana, nas quartas de final

RICARDO CORREA

Checando e-mails (sua conta era kk_08@hotmail.com) e no vestiário do São Paulo: ascensão meteórica rumo ao estrelato do futebol mundial

RICARDO CORREA

ra no Morumbi (bairro nobre de São Paulo), completou o colegial e entrou no São Paulo como sócio do clube. Como Marcelinho Carioca, é evangélico. Como Romário, é míope e usa óculos."

Nas fotos, aparecia jogando tênis com o irmão Rodrigo, quatro anos mais novo. "PLACAR levou Kaká à academia Play Tennis, bem próximo à casa do jogador, para praticar. Chegando lá, foi reconhecido e pôde escolher até o piso. Grama sintética, concreto ou saibro? 'Grama, né? É com o que estou acostumado'." Na época, o jovem craque era também o que mais recebia cartas

Praticando tênis em um treino organizado por PLACAR em 2001: o segundo esporte era o mesmo do ídolo Raí

no clube: de dez a quinze por semana, com "todo tipo" de comentários e pedidos. O menino de 19 anos estava ganhando corpo (tinha passado de 72 para 76 quilos), o que o ajudava a se impor em campo. Nas palavras do técnico Nelsinho Baptista, "o Kaká tem qualidade, não é só um momento que ele está passando".

Ainda era novembro, 2001 nem havia terminado e já estava Kaká novamente em destaque na revista. O "xodó" do tricolor tinha feito dez promessas um ano antes, e sete haviam sido cumpridas:

1. Voltar a jogar futebol (ele sofrera um acidente num parque aquático que resultou numa fratura de uma vértebra da coluna cervical).

2. Subir para os profissionais.

3. Figurar entre os 25 que fazem parte do elenco.

4. Brigar por uma vaga entre os dezoito que sempre se concentram para os jogos.

5. Ganhar uma vaga de titular.

6. Jogar o Mundial Sub-20.

7. Manter-se como titular do São Paulo.

Ainda faltavam três sonhos, mas eles não dependiam só dele mesmo: ser convocado para a seleção principal, jogar na seleção principal e transferir-se para Itália ou Espanha. Carlos Alberto Parreira estava cotado para ser o coordenador técnico na Copa de 2002, disputada na Coreia do Sul e no Japão, e disse o seguinte a PLACAR naquela edição de novembro de 2001: "Kaká não pode ficar fora do Mundial porque é a maior revelação do futebol brasileiro dos últimos tempos". O meia são-paulino foi de fato convocado, entrou em campo por alguns minutos, no jogo contra a Costa Rica

Com Caroline Lyra Celico em 2003: a "primeira namorada oficial" se casou com Kaká e eles tiveram dois filhos

(o último da fase de grupos), e se tornou um dos pentacampeões.

Em maio de 2003, um novo dilema se instalou: por um lado, ele já estava consagrado no São Paulo, por outro, enfrentava o assédio da mídia e das fãs, a cobrança excessiva da torcida, contusões e o ciúme dos colegas (inclusive do "muito dinheiro" que ganhava todo mês). Foi nessa edição que Kaká, então com 21 anos, surgiu ao lado da jovem Caroline Lyra (a revista não publicou o outro sobrenome, Celico), de 15 anos, como "sua primeira namorada oficial". O resto é história.

Ainda em 2003, transferiu-se para o Milan. Seis anos depois, seguiu para o Real Madrid. Ficou mais quatro temporadas e voltou ao Milan, antes de fechar contrato com o Orlando City, de 2014 a 2017. Ainda jogou, por empréstimo, no bom e velho São Paulo de sempre, no segundo semestre de 2014. Teve dois filhos com Carol Celico, Luca e Isabella, antes da separação, em 2015. Pela seleção principal, fez 91 partidas e anotou 31 gols, entre 2002 e 2016 (esteve também nas Copas de 2006 e 2010). Disputou 86 jogos pela Uefa Champions League (é o sétimo brasileiro nesse ranking) e marcou trinta gols (é o segundo, atrás apenas de Neymar). Em 2007, no auge da carreira, ganhou os prêmios de melhor jogador do mundo pela Fifa e o Ballon d'Or, entregue pela revista francesa *France Football*, que mais tarde seriam unificados. De lá para cá, em doze anos, apenas três jogadores levaram o troféu (que hoje se chama The Best) para casa: Lionel Messi, Cristiano Ronaldo e Luka Modric. ■

A CRUEL DEFESA DE SUÁREZ

A noite em que as mãos do goleador uruguaio evitaram o gol de Gana na prorrogação, atalho para um dos momentos mais dramáticos de todas as Copas do Mundo

Diego Teixeira Setton

Era 2 de julho de 2010, uma sexta-feira, um pouco depois do almoço, quase 3 da tarde. Eu tinha 6 anos. Como qualquer criança de minha idade, pelo pouco que posso lembrar, já havia até me acalmado depois da decepcionante derrota do Brasil para a Holanda, por 2 a 1, e a eliminação. O fracasso ocorrera pela manhã. Agora estava interessado no outro jogo daquela dia: Uruguai e Gana. O vencedor disputaria uma das semifinais contra os holandeses. E aqui começo a narrar, depois de ver e rever muitas vezes as imagens no YouTube.

O time sul-americano e a equipe africana faziam uma partida equilibrada até que, aos 45 minutos do primeiro tempo, Sulley Muntari abriu o placar com um golaço de fora da área. A vantagem não durou muito: aos 55 minutos, Diego Forlán cobrou uma falta e a bola da Copa, a Jabulani, que os goleiros diziam ser traiçoeira, leve demais, meio estranha, fez uma curva inesperada. Outro golaço.

Com o empate em 1 a 1 ao fim dos noventa minutos, viria a prorrogação. Nada de gol até o minuto final. Uma falta marcada na entrada da área do Uruguai era a chance de Gana vencer. Um cruzamento representaria perigo. E assim foi — mas com pitadas de inacreditável. Paintsil cruzou; o goleiro Muslera dividiu a bola no alto com Mensah; ela sobrou no pé de Appiah, o camisa 10, mas seu chute foi bloqueado por Luis Suárez; e lá vinha a bola, a subir, à espera da cabeçada matadora de Adiyiah. Gol!, é o que parecia estar estampado no rosto dos torcedores no Soccer City, em Johannesburgo, em certeza que ecoa até hoje.

Mas não. Suárez saltou, esticou os braços e, com as mãos, especialmente a direita, espalmou a pelota em belíssima defesa. Depois de milésimos de segundos de espanto, veio a evidência: pênalti a favor de Gana. Os ganeses celebravam. Suárez foi expulso. A África caminhava para fazer história na primeira Copa disputada no continente. Ainda hoje é de emocionar, dada a tensão, acompanhar o camisa 3, Asamoah Gyan, a caminho da marca de pênalti. Um chutaço, bola no travessão e do travessão para a linha de fundo. A felicidade mudara de lado. Suárez, que se retirava do gramado com lágrimas nos olhos, virou o rosto e explodiu de euforia. Sua defesa dera certo. Para Gana, era o prenúncio de uma decepção. A decisão seria levada para as penalidades máximas. Asamoah se redimiu e converteu o primeiro gol de Gana. Depois de quatro cobranças para cada lado, o Uruguai liderava por 3 a 2. Bastaria mais um tento para a classificação. E lá vinha Loco Abreu. Na maior tranquilidade do mundo, ele deu uma cavadinha, e que cavadinha, e correu para o abraço. Uruguai e Holanda disputariam a semifinal para saber quem faria a finalíssima contra Espanha ou Alemanha.

> **“O sonho africano tinha sido frustrado pela defesa de um centroavante e pela cavadinha de um ‘Loco’. O futebol é o que é por não escolher narrativas, é imprevisível”**

Mas era tudo detalhe diante do que ocorrera naquela noite de Johannesburgo, a noite em que uma mão irregular tirou das mãos de Gana a chance de ser a primeira seleção africana a estar entre os quatro primeiros colocados de um Mundial. Suárez não deixou, com um gesto impulsivo e, no fim das contas, salvador. O sonho africano tinha sido frustrado pela defesa de um centroavante e pela cavadinha de um “Loco”. E o jovem adulto de hoje, eu, a passear pela infância, por aquele lance inesquecível, não para de pensar — play, stop, play, de novo, e de novo — na tristeza de Gana, apesar da permanente simpatia pelo Uruguai. O futebol é o que é por não escolher narrativas, por ser cruel e imprevisível. ■

LIBERDADE PARA OUSAR

No intervalo da partida entre Brasil e Chile, na Copa de 1998, o fotógrafo de PLACAR pôs uma câmera dentro do gol — e flagrou de um ângulo inusitado a celebração de Ronaldo, com a bola em primeiro plano

Oitavas de final da Copa do Mundo de 1998. No Parque dos Príncipes, em Paris, o Brasil (campeão quatro anos antes e primeiro colocado do Grupo A) enfrenta o Chile (segundo colocado no Grupo B). Para surpresa geral, o volante César Sampaio faz dois gols, aos onze e aos 27 minutos do primeiro tempo, e, com mais um de Ronaldo Fenômeno, de pênalti, a seleção vai para o vestiário com a vantagem de 3 a 0. PLACAR tinha três fotógrafos acompanhando tudo o que rolava no gramado. Naquele intervalo da partida, aproveitando que a fiscalização da Fifa estava um pouco mais relaxada, um deles, Alexandre Battibugli, o Batti, tomou uma decisão ousada, com a cara da revista.

Discretamente, atravessou o campo e, contrariando as regras — que previam câmeras fotográficas apenas atrás das placas de publicidade —, prendeu o equipamento e a miniantena para acionamento a distância num pequeno tripé e pôs tudo dentro do gol que seria defendido pelo chileno Nelson Tapia. "As máquinas digitais já estavam em uso desde a Copa de 1994, nos Estados Unidos, mas a qualidade dos registros em negativos ainda era melhor", lembra Batti. "Assim, coloquei um filme novo e fiquei com o controle remoto na mão, o mais perto possível, já que a tecnologia da época só funcionava se eu estivesse a no máximo 2 metros do transmissor."

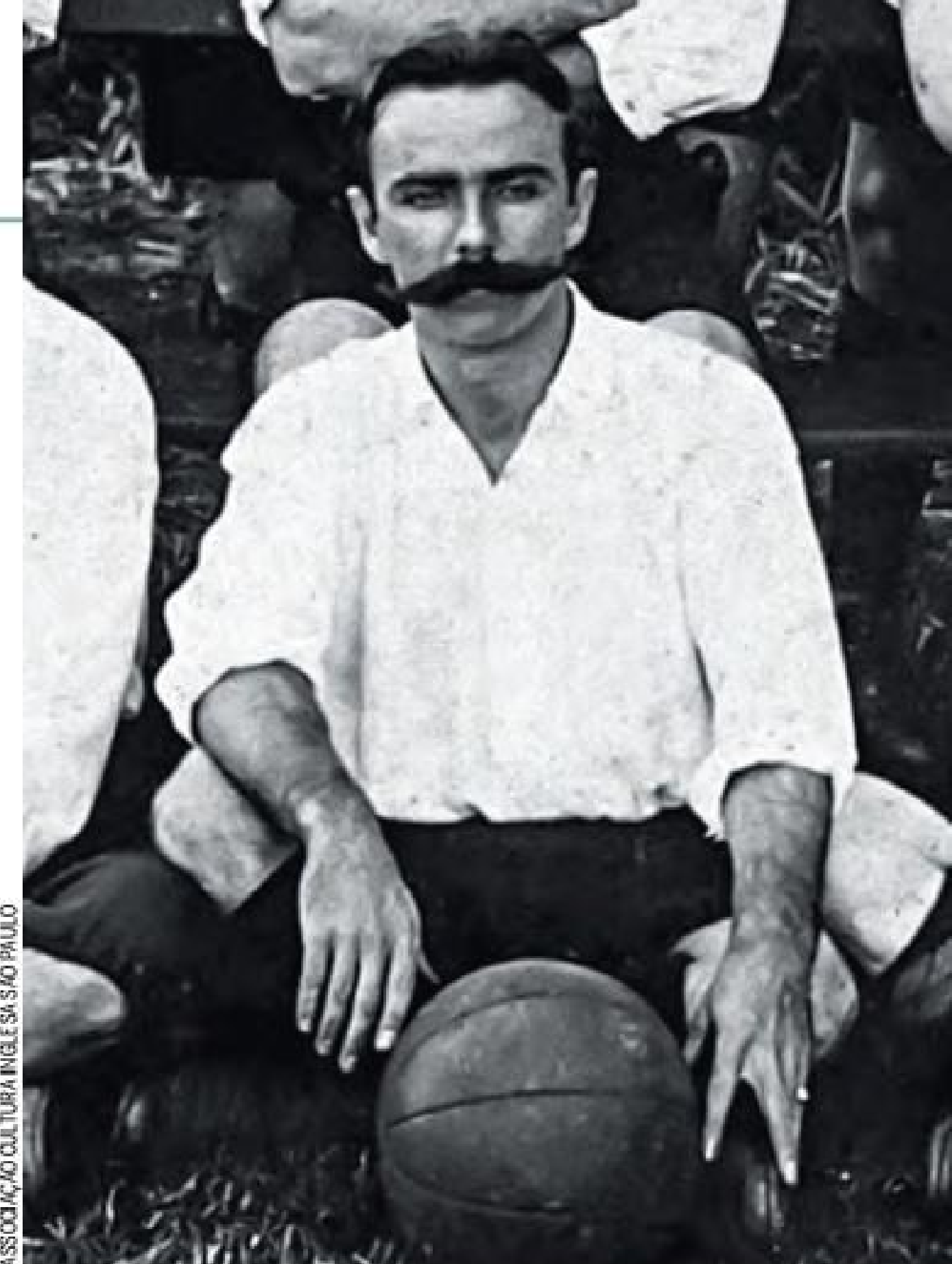
Em partidas de mundiais, era comum cada fotógrafo gastar de quatro a seis filmes em cada tempo de jogo. Encerrados os noventa minutos, com 4 a 1 para o Brasil, o editor Ricardo Corrêa disse que queria ver as fotos feitas pelos colegas (que eram reveladas por um dos patrocinadores do torneio no próprio centro de imprensa, den-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A "Tricolore" à frente e o fenômeno Ronaldo celebrando o gol: olhar surpreendente

tro do estádio). Batti, que não podia se "entregar" e mostrar que a câmera estava no local proibido, precisou esperar o apito final e respondeu, mostrando o rolinho na mão: "Só tenho este, vamos ter de esperar". Havia um tesouro ali.

A imagem, que ilustra estas páginas, é uma prova de que a ousadia sempre foi uma das marcas de PLACAR. "Tanto no estádio quanto nas reportagens fora de campo sempre fomos orientados a não apenas registrar os acontecimentos, mas buscar ângulos inesperados, cenas surpreendentes", resume Batti. "Quando o primeiro tempo acabou em 3 a 0, eu pensei que o segundo seria mais sossegado, como de fato foi." O Chile fez seu gol de honra e, um minuto depois, Ronaldo marcou o quarto do Brasil. "O chute entrou no canto oposto ao que eu tinha colocado a câmera. Fiquei apoiado nos painéis de publicidade, com o controle remoto na mão, só esperando a bola chegar mais perto. Ela veio, rolando pelo fundo da rede, quase derrubou o equipamento e, quando passou na frente da lente, apertei o botão três vezes." Ronaldo comemorando ao fundo, com a "Tricolore" da Adidas em primeiríssimo plano, mostrou mais uma vez a criatividade e a liberdade para apresentar novas formas de ver o futebol. ■

DIVULGAÇÃO

ASSOCIAÇÃO CULTURA INGLESA SÃO PAULO

O aristocrata em foto do começo do século XX e a lápide no Cemitério dos Protestantes, em São Paulo

A TRANQUILIDADE DO INÍCIO

O canto onde repousam os restos mortais de Charles Miller, o introdutor do futebol no Brasil, filho de um escocês e uma brasileira, é um pouco como ele era — discreto

Fábio Altman

Charles William Miller, filho de um escocês que veio ao Brasil para ajudar a administrar a Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e de uma brasileira de família inglesa, retornou de uma viagem de estudos a Southampton, na Inglaterra, no fim de 1894, com peças curiosas na mala. Segundo relato do escritor e historiador John Mills, Miller trouxe na bagagem um livro de regras da Association Football, duas bolas de capotão, um par de chuteiras e uma bomba de ar. Em 14 de abril de 1895, no campo da Várzea do Carmo, em São Paulo, ele organizaria a primeira partida de futebol oficial no Brasil, entre as equipes do The São Paulo Railway e do The GasWorks Team. Resultado: 4 a 2 para o Railway, mas o placar era o que menos importava.

Para Miller, muito além de vitórias ou derrotas, o que lhe dava prazer era a introdução do novo esporte como ferramenta de amizade, de cooperação. Durante a semana ele trabalhava na São Paulo Railway e aos sábados reunia os amigos na sede do São Paulo Athletic Club, no bairro paulistano do Bom Retiro, para ensinar o funcionamento daquela modalidade coletiva, que exigia cooperação, raciocínio, passes e não apenas a individualidade — era um espanto para uma turma acostumada ao aristocrático críquete.

E dos bigodes daquele homem minucioso e entusiasmado — o primeiro jogador brasileiro em um clube profissional da Europa (o Southampton Football Club), artilheiro de dois campeonatos paulistas pelo SPAC (1902 e 1903) — nasceria uma paixão nacional. Miller morreu em 1953, aos 78 anos, a tempo de acompanhar o choro da derrota da seleção para o Uruguai, em 1950, mas antes da era de ouro inaugurada em 1958, na Suécia. Conseguiu, contudo, saber que daquela sua mala de viagem brotara um modo de vida no Brasil. Foi enterrado a menos de 1 quilômetro da atual sede do SPAC, em São Paulo, no pequeno Cemitério dos Protestantes, desde 1858 instalado na Rua Sergipe, no bairro da Consolação. Entre os túmulos, há pés de árvores frutíferas. Não muito longe do canto de Miller, há uma lápide com o nome de Marlene Dietrich — não, não é a atriz alemã. É uma homônima, mera curiosidade — mas é proximidade que ajuda a compor o cenário elegante e tranquilo do gramado bem aparado onde repousa o homem que fez das relvas o palco de epopeias, calma e docemente. Ele descobriu o Brasil. ■

COM QUE ROUPA EU VOU?

A tarde fria de um sábado de 1978 em que a seleção da França de Michel Platini e Didier Six entrou em campo com o uniforme emprestado de um clube de pescadores de Mar del Plata

Era uma vez um mundo sem as imposições das grandes marcas de equipamento esportivo, sem contratos milionários de jogadores, um planeta quase amador do ponto de vista do marketing esportivo — mas era uma Copa do Mundo, e a história que se contará a seguir soa improvável. Era 10 de junho de 1978, terceira rodada da fase de grupos do Mundial disputado na Argentina do ditador sanguinário Jorge Videla. França e Hungria já haviam sido eliminadas da competição, depois de perder seus dois primeiros jogos. Seria, portanto, um partida melancólica, com jeitão de domingo de várzea naquele sábado frio de Mar del Plata.

O treinador francês Michel Hidalgo decidira deixar no banco as estrelas Michel Platini, Didier Six e Henri Michel para dar chance a alguns novatos. Michel, que nos jogos iniciais fora o capitão, sempre atento a tudo, no aquecimento antes da partida notou algo estranho debaixo dos agasalhos dos húngaros — eles estavam de uniforme branco. Problema: os franceses também estavam de branco e caberia aos gauleses, segundo orientação da Fifa, entrar no gramado com outra tonalidade de camisa e calção. Mas qual o quê. Nenhuma das seleções levara à cidade praiana vestuário reserva. O juiz ameaçou aplicar um W.O. contra a França.

Ao pânico sucedeu uma solução criativa, talvez a única no horizonte — era preciso pedir emprestadas de algum clube da cidade camisas de outra cor. E lá foram os cartolas franceses, acompanhados de batedores da polícia, atrás da sede de um clube de pescadores locais, o Club Atletico Kimberley. E, com quarenta minutos de atraso, para bagunçar o coreto das emissoras de televisão, os franceses entraram em campo pela primeira e última vez em sua vitoriosa história com listras verdes em fundo branco. Venceram honrosamente: 3 a 1. De lá para cá, a França ganhou duas Copas do Mundo, e depois da era Platini veio o tempo de Zidane. O Kimberley permanece na Liga Marplatense, cujo campeonato já venceu dezesseis vezes. No site de leilões eBay, uma réplica daquele manto de 1978 custa algo em torno de 500 reais. Virou um pequeno clássico. E é possível dizer que a França, com aquelas cores emergenciais, nunca perdeu um único jogo. Está invicta. ■

A Hungria, de branco, contra uma equipe irreconhecível dentro de campo: vitória de 3 a 1 da turma de listras verdes do manto nada sagrado

AFP

E OS INVENCÍVEIS PERDERAM...

De 1950 a 1954, a seleção da Hungria fez 27 jogos, com 23 vitórias e quatro empates. Chegou à Copa da Suíça como superfavorita, arrasou os adversários (inclusive o Brasil), mas aí despontou o Sobrenatural de Almeida

Nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, a seleção da Hungria fez cinco jogos, com cinco vitórias, e marcou vinte gols para conquistar a medalha de ouro contra a Iugoslávia. Às vésperas do início da Copa do Mundo de 1954, na Suíça, um espectro rondava a Europa: quem será o vice-campeão neste ano? Todos sabiam que só uma improvável (e inacreditável) catástrofe tiraria o título do time de Puskás, Kocsis, Czibor e Hidegkuti. De junho de 1950 até a estreia no Mundial, em 17 de junho de 1954, o time húngaro havia entrado em campo 27 vezes, com 23 vitórias e apenas quatro empates. No total, foram 114 gols a favor (mais de quatro por partida, em média) e 26 contra. A superioridade técnica dos craques magiares era tão grande que, num mesmo dia (4 de outubro de 1953), enquanto os titulares goleavam a Checoslováquia, por 5 a 1, em Praga, a seleção B garantiu um 1 a 1 contra a Bulgária em Sófia — num dos únicos quatro empates citados acima.

Nos gramados suíços, foi um passeio: 9 a 0 sobre a Coreia do Sul e 8 a 3 na Alemanha na primeira fase (era chamada de oitavas de final); 4 a 2 em cima do Brasil (que tinha sido vice-campeão em 1950) nas quartas e de novo 4 a 2 contra o Uruguai (depois do 2 a 2 no tempo regulamentar). Em quatro jogos, 25 gols marcados e sete sofridos. Mas o futebol, ah, o futebol, é mesmo uma caixinha de surpresas e o jogo só acaba quando termina. No dia 4 de julho de 1954, o que ficou para a história é até hoje conhecido como o Milagre de Berna. No estádio Wankdorf, 42 000 pessoas viram a Hungria abrir 2 a 0 aos seis e nove minutos do primeiro tempo. A Alemanha, que tinha tomado de 8 duas semanas antes, conseguiu o empate rapidamente (aos onze e aos dezoito minutos). Depois, foi paciente e aguerrida para segurar o ímpeto dos adversários. E aos 39 do segundo tempo, o improvável (e inacreditável) aconteceu: Rahn recebeu na meia direita, driblou Lantos e, quase na linha da grande área, chutou rasteiro no canto direito de Grosics. Com o 3 a 2 no placar final, os alemães derrotaram a invencível máquina húngara. Na revista *O Cruzeiro*, o jornalista José Amádio resumiu o susto: "A Hungria merecia ganhar a Copa. Mas a Alemanha mereceu ganhar o jogo. E o jogo valia a Copa". Apesar da derrota, os mágicos magiares seguem sendo celebrados em todo o mundo quase sete décadas depois. ■

DPA/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

O time húngaro em Berna antes do início da final contra a Alemanha: a maior de todas as zebras

AGORA EU ERA O HERÓI

Chico Buarque tinha um problema para seu romance *Budapeste*, de 2003: conseguir nomes plausíveis para os personagens da história, passada em boa parte da narrativa na Hungria. Problema resolvido: Chico bebeu de sua paixão pela Hungria de 1954, e não demorou para nomear uma de suas criações como Kocsis Ferenc. Disse o compositor e escritor em uma apresentação na Flip: "A gente jogava futebol de mesa e eu tinha meus botões com os nomes da seleção húngara. Mais tarde, uns dez anos depois, uma húngara me ensinou a pronunciar direito os nomes e também outras palavras em húngaro".

ACERVO PLACAR

O cantor e compositor: batendo um bolão com craques magiares

Os escudos do Honvéd e do Vörös Lobogó: patentes vermelhas

O EXÉRCITO DA BOLA

Terminada a II Guerra Mundial, a Hungria ficou sob a influência da União Soviética, e o secretário-geral do Partido Comunista local incumbiu o vice-ministro dos Esportes de montar uma seleção arrasadora. Com a ajuda do treinador Gyula Mándi (que em 1957 foi contratado pelo América do Rio), ele passou o ano de 1949 garimpando jogadores pelo país. Todos foram recrutados pelo Exército. Recebiam soldo e tinham diferentes patentes (Ferenc Puskás, o maior craque húngaro, era major). A maioria passou a atuar pelo Kispest, time fundado em 1909 que foi rebatizado de **Honvéd** (Defensor, em português). Alguns poucos foram para o MTK, também renomeado de **Vörös Lobogó** (Bandeira Vermelha).

REPRODUÇÃO

O espetacular atacante: Copa de 1962 com a camisa da Fúria espanhola

O "MAJOR GALOPANTE"

Sabe o prêmio da FIFA para o gol mais bonito do ano? Ele se chama Puskás em homenagem ao craque húngaro **Ferenc Puskás Biró** (1/4/1927-17/11/2006). Nascido em Budapeste, foi o líder dos mágicos magiares que encantaram o mundo na primeira metade dos anos 1950. Começou a jogar com apenas 16 anos, durante a II Guerra Mundial. Atuou 85 vezes pela seleção da Hungria e anotou 84 gols (recorde não superado até hoje). Pelo Honvéd, jogou 367 partidas e fez 379 gols. Como tinha a patente de major do Exército, ganhou também o apelido de Major Galopante. Apesar do biotipo meio improvável para um atleta de elite (1,72 metro de altura, levemente gordinho), foi o maior jogador do país onde nasceu. Em 1958, transferiu-se para o Real Madrid, onde ficou por oito anos, até 1966. Lá, fez mais 262 jogos e 242 gols. E, como as regras da época permitiam, vestiu também a camisa da seleção espanhola — esteve na Copa de 1962, disputada no Chile, mas a Fúria perdeu para o Brasil e a Checoslováquia e caiu ainda na fase de grupos.

O BRASIL E A MÍSTI

O Comentarista do Futuro de PLACAR viaja na máquina do tempo até 1958 e testemunha o lance que marcou o início de uma dinastia de laterais-esquerdos bons de bola do nosso futebol

Claudio Henrique

Caros leitores de 1958, vocês não viram, apenas ouviram no rádio, mas garanto a todos que o jogo de ontem, em que nosso escrete abateu a Áustria por 3 a 0, estreia no certame mundial da Suécia, merecerá seu lugar na história. E digo isso com a certeza de quem vem de 2020, quando essa partida será menos lembrada do que deveria. Não advogo pelo fato de ser a largada de uma campanha antológica da seleção canarinho, pois ela terá início de fato, anotem, no terceiro confronto, quando escalaremos dois reservas, um de pernas tortas e outro franzino e menor de idade. Ontem o que se deu para a eternidade foi o surgimento de uma sina que acompanhará o futebol brasileiro pelos próximos 62 anos: os laterais-esquerdos bons de bola e com pinta de "camisa 10". Sim, a partir desta Copa, será a 10 a chamada "camisa mais pesada" da seleção. Mas outra bem poderia ser consagrada: a 6. E ontem testemunhei o lance que é a gênese de tudo. Se Deus criou o mundo em sete dias, Nilton Santos precisou de sete passadas largas para nos presentear com este novo perfil de jogador de futebol: o "falso-lateral". Mas tem de ser canhoto!

Não há gravações que registrem o fato, mas ele será muito relatado no folclore de nosso futebol. Início de segundo tempo, já vencíamos por

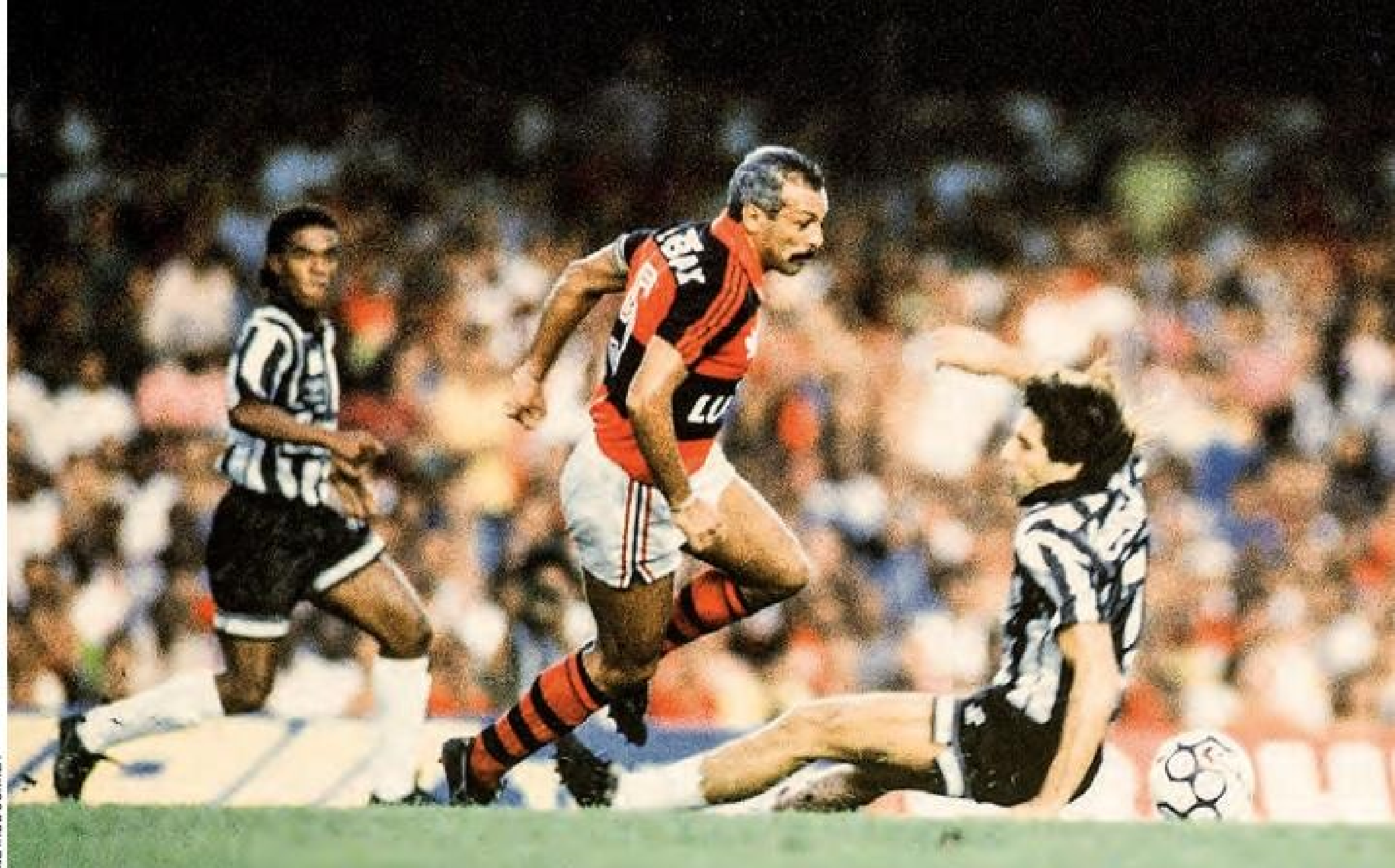
"Volta, Nilton! Volta, Nilton", gritou em vão um desesperado Feola em 1958

ACERVO PLACAR

CA DA CAMISA... 6!

um tento — Mazzola —, quando Nilton Santos se arvorou numa arrancada ao ataque. Olhei para o banco e comprovei a lenda: Feola, nosso técnico, também se esforçava, mas em gritos: "Volta, Nilton!", "Volta, Nilton!...". E nosso lateral, o Enciclopédia, nem aí, conduzindo a pelota e seguindo em suas passadas firmes ao ataque... "Volta, Nilton!", vieram mais e mais berros do treinador. E Nilton avançando... "Volta, Nilton!" E ele, já chegando à pequena área adversária, cena insólita na época, para um lateral, manda pro gol: 2x0 pra nós. E ouve-se então Feola: "Boa, Nilton!", "Boa, Nilton!...".

Laterais brasileiros na esquerda de futebol refinado e voluntariosos serão muitos nas próximas décadas. Vários deles, inclusive, chegarão a jogar no meio-campo, com a 10. Disputaremos até uma Copa com um lateral-esquerdo reserva como titular na meia-cancha, de nome Mazinho, que barrará um 10 de origem, Raí. E assim, com um "camisa 10" que já foi 6, seremos campeões.

Ao deixar 2020, de onde venho, o Brasil acabara de estrear nas eliminatórias da Copa surpreendendo a torcida com mais um lateral-esquerdo habilidoso e ofensivo, Renan Lodi, bem na linhagem iniciada por Nilton Santos. Ele estará substituindo outro de mesma estirpe, Marcelo, titular por duas Copas, 2014 e 2018, sempre com essa pinta de "craque que arma o time" — marcação nunca será seu forte, principalmente em jogos contra a Bélgica. A habilidade, sim, tanto que vai sempre flertar com essa migração para o meio-campo. Mas o melhor exemplo do que aqui professo vocês verão na Copa de 1982, na Espanha, quando envergará a casaca meia dúzia um carioca de cabeça e futebol enormes, de nome Júnior, que terá seu ápice como meia avançado e líder de um time com que o Flamengo se consagrará, revelo aqui, campeão brasileiro de 1992. E jogando um futebol também gigante.

RICARDO CORREA

Júnior, no Flamengo de 1992, Leonardo, campeão do mundo pelo São Paulo em 1993, e Mazinho, na Copa de 1994, barrando Raí, o 10. Muitos laterais-esquerdos foram jogar na "meiuca"

NICO ESTEVES

NELSON COELHO

E não param por aqui os laterais-esquerdos que disputarão Copas pela seleção e depois serão naturalmente deslocados para o lugar dos craques, o meio-campo. Curioso é que com os destros nunca se dará o mesmo. Teremos, anotem os nomes: Carlos Alberto, Zé Maria, Nelinho, Leandro, Jorginho, Cafu... E nenhum lateral-direito da seleção terá destino semelhante. Um deles, de nome Daniel Alves, se aventurará, já quase encerrando a carreira, pelo São Paulo, mas será trazido pelo técnico de volta ao lado do campo. Pela outra banda do gramado, jogam os que, ainda criança, conheceram a bola e foram ser gauche na vida... Como Marinho Chagas, cracaço de petardos e mechas (louras) voadores, que por anos vai insistir em dizer que é lateral, para a alegria dos holandeses na Copa de 1974. Mas nesse mesmo ano será eleito o melhor lateral-esquerdo do mundo pela Fifa. Teimoso, só assumirá a camisa 10 ao encerrar a carreira no ABC de Natal, no Rio Grande do Norte, onde nasceu há seis aninhos. Vocação é vocação.

Outros Mundiais terão o Brasil com um meia-esquerda disfarçado de lateral — será uma estratégia secreta do nosso escrete? Em 1994, numa Copa que, acreditem, será disputada nos Estados Unidos, levaremos Leonardo, habilidoso canhoto defensivo do Flamengo que terá seus dias no Milan e sendo campeão do mundo em 1993 pelo São Paulo ali ó, na "meiuca". Nos States, infelizmente, ele vai abandonar a canhota e usar a direita, mas nesse

Marcelo *(acima)* e Roberto Carlos *(abaixo, à dir.)* estão na lista dos maiores da revista *France Football*. Renan Lodi é a nova esperança da posição com a camisa amarela

Zé Roberto, na Portuguesa: do canto para o centro do gramado

caso será o cotovelo, no rosto de um adversário. Expulso, dará lugar a mais um filhote de Nilton Santos, de nome Branco, que já terá sido titular nas Copas de 1986 e 1990. Tinha futebol de sobra pra jogar na meia-esquerda, mas nunca foi definitivamente, assim como outro, Roberto Carlos, que será titular em três Mundiais. Mas são exceções. Na Copa de 2006, o reserva de Roberto Carlos será Gilberto, que depois vai brilhar envergando a camisa 10 no Cruzeiro, isso lá em 2009, 2011... Outro exemplo do escrete será Zé Roberto, lateral-esquerdo e depois camisa 10 em clubes como Bayern, Palmeiras...

Somente em duas Copas o Brasil não terá laterais-esquerdos com pinta de 10: em 1978, quando nem saberemos ao certo quem será o titular na posição (Rodrigues Neto, Edinho e até Toninho, deslocado da direita, jogarão por ali), e, curiosamente, em 1970, quando o meio apagadinho mas eficiente Everaldo vai compor aquele que será tido como o melhor time de todos os tempos. Vai entender... Não jogarão Copa, mas vão jogar pela lateral canhota e depois no meio-campo artistas da bola como Felipe (10 no Vasco, no Flamengo...) e Serginho, futuro lateral do São Paulo que se consagrará como meia-esquerda do Milan. A seleção vai contar ainda com Everton Ribeiro, um típico camisa 10 do Flamengo e da seleção em 2020, que terá começado como lateral-esquerdo do Corinthians. Em 2020, teremos um futebol feminino organizado, sim, e seguiremos pelo mesmo caminho, com uma lateral-esquerda da seleção, de nome Tamires, boa de bola e que já estará atuando como meia no Corinthians.

Serão mesmo uma saga do futebol nacional esses craques disfarçados de laterais canhotos. Tanto que em 2020 uma revista europeia, *France Football*, buscando a seleção dos melhores da história, soltará a lista de dez indicados para a lateral-esquerda com quatro brasileiros: Nilton Santos, Junior, Roberto Carlos e Marcelo. Eu já tenho meu eleito: Nilton Santos, é claro, a enciclopédia em quatro Mundiais (sim, no próximo ele estará mais uma vez no selecionado brasileiro) e autor deste lance premonitório e inspirador do jogo de ontem contra a Áustria. E um último detalhe: no jogo de ontem, Nilton Santos vestia a camisa 12. Tudo bem, este aí vale mesmo por dois. ■

DICO, BILÉ, PLÉ, PILÉ, PELÉ

Foi em São Lourenço, no sul de Minas, para onde Dondinho havia ido para jogar no time local no início dos anos 1940, que o pequeno Edson Arantes do Nascimento ganhou o apelido que o tornaria mundialmente famoso

Silvestre Gorgulho

Se o apelido de família de Edson Arantes do Nascimento é Dico, de onde vem o apelido Pelé? Essa é uma história que merece ser contada com detalhes. Acompanhei, como torcedor, a vida profissional de Pelé desde 1958, na Copa do Mundo da Suécia. Em campo, vi Pelé jogar apenas três vezes. Todas no Mineirão, em Belo Horizonte. Era bom ver Pelé pegar a bola e a torcida automaticamente se levantar no estádio. Pela TV, vi muitas vezes. Mas na maioria, mesmo, "vi" Pelé jogar, no Santos ou na seleção, pelo rádio. Ah! como a gente viajava na fantasia dos locutores... A grande vantagem do filme *Pelé Eterno,* de Aníbal Massaini Neto, é que não precisa ser torcedor nem entender muito de futebol para gostar do superdocumentário. Basta gostar de ser brasileiro, de esporte ou de arte. "Pelé Eterno" é bom de título e de pesquisa. Apenas faltou dar mais detalhes sobre um tema que acho relevante: a origem do nome Pelé e a sua infância. Tenho certeza de que esse deve ser um novo projeto para Massaini.

ACERVO PLACAR

Como ele não conseguia falar Bilé, era só Plé, a criançada pegava no pé

Em *Pelé Eterno,* dona Celeste chega a explicar rapidamente logo no início: "Lá em São Lourenço, havia um goleiro chamado Bilé...". O canal ESPN foi mais fundo na história. Em 2010, quando Pelé completou 70 anos, fez uma série sobre o Rei. Uma equipe foi a São Lourenço, comandada por Roberto Salim, e pesquisou muito sobre o Vasco, sobre Dondinho, sobre Bilé, entrevistando familiares do goleiro e vários personagens da cidade sul-mineira, como Antônio Farid Lage, Bernadete Guimarães e o diretor do Vasco, Miguel Gorgulho. Depois, a equipe da ESPN foi a Volta Redonda, no Rio de Janeiro, onde moram os filhos de Bilé: Sidney, Shirley e Wanderley. Bilé (José Luiz da Silva) morreu em 1975, aos 53 anos. Mas vamos à história. Primeiro, vale lembrar que Pelé, ontem e hoje, é nome, sobrenome, substantivo e adjetivo. Não tenho dúvida de que, junto com o nome Amazônia, seja o vocábulo brasileiro mais conhecido no mundo. Amazônia e Pelé são nossas maiores referências. E é justamente por isso que dou este testemunho. Afinal, como nasceu o nome Pelé?

Voltemos no tempo. Corria o ano de 1942. Escuto essa história desde criança. Agora, é uma boa oportunidade de relembrá-la. Minha família é de São Lourenço, sul de Minas. Meu pai, Miguel Archanjo Gorgulho, foi um empresário local sempre atento às questões sociais, culturais e educacionais do município. Estava na criação do aeroclube, na implantação da faculdade, foi presidente da associação paroquial e com alguns amigos

ajudou a montar, em 1942, um time de futebol: o Vasco da Gama de São Lourenço. O time foi tão bem concebido que logo se criou um infantojuvenil para a formação de jogadores. Era o Vasquinho. Bom de causos e de conversa, toda vez que havia uma visita e o assunto debandava para o futebol, lembro-me bem de meu pai com esta história:

"— E você sabe onde o Pelé nasceu?

— Olha, 'seo' Miguel, o Pelé nasceu em Três Corações.

— Não! O Pelé nasceu em São Lourenço...

— Não, 'seo' Miguel, isso não é possível. Todo mundo sabe que foi em Três Corações.

— Nasceu aqui em São Lourenço. E vou provar. Quem nasceu em Três Corações foi o Edson Arantes do Nascimento. Foi o Dico. O Pelé nasceu aqui".

E lá vinha a explicação do "seo" Miguel: "Entre 1942 e 1946, havia um goleiro que fez história aqui na região. O nome dele era Bilé. Não, o nome dele era José Luiz da Silva. Mas todo mundo só o conhecia por Bilé. Ele nasceu aqui perto, em Dom Viçoso *(município a 20 quilômetros de São Lourenço)*. Era um dos melhores goleiros da época. Diziam até que ele iria para um time do Rio de Janeiro. O fato é que o Bilé era bom de bola. Tinha um primo-irmão, aliás, dois, que também jogaram bola, o Basílio e o Sebastião Correa. O Basílio mora nos Pintos Negreiros, um distrito do município de Maria da Fé, 10 quilômetros depois de Dom Viçoso, onde mora até hoje o Sebastião Correa". E continuava o "seo" Miguel Gorgulho: "Nessa época, em 1942, juntamos alguns empresários aqui de São Lourenço e, com apoio forte dos cassinos, resolvemos criar um time de futebol. Quem bancou a iniciativa foi o 'seo' Pimenta *(João Albano Pimenta de Melo)*, dono do Hotel Miranda. Português e torcedor fanático do Vasco da Gama, o Pimenta logo sugeriu o nome do time: Vasco da Gama de São Lourenço. Fomos atrás de um campo para treinar e acabamos conseguindo uma área ao lado do Hotel Brasil, onde está hoje o Parque das Águas II. Campo pronto, time formado, o Vasco começou a jogar, ganhar e a fazer um sucesso tremendo".

"Para formar o Vasco, nós pegamos alguns jogadores daqui de São Lourenço, como o goleiro Bilé, o Pessoa e uns outros. Para reforçar o time fomos buscar em Três Corações outros bons jogadores. Um deles era o Dondinho. Jogava muita bola. O nome dele era João Ramos. Ele ia morar em Lorena, aqui no Vale do Paraíba, onde também tinha convite para jogar. Mas o 'seo' Pimenta ajudou a cobrir a proposta e trouxemos o Dondinho para o Vasco. Lá veio o Dondinho com a família: dona Celeste, o Dico e um outro irmão dele *(Jair Arantes do Nascimento, o Zoca)* que tinha uns 2 anos. Aliás, foi aqui em São Lourenço que nasceu uma filha de Dondinho, a Maria Lúcia. O Dico tinha de 3 para 4 anos. Para formar o time, contratamos outros bons jogadores, como o Zé da Bola e o Gradim."

"O Dondinho era um monstro, desequilibrava qualquer partida. Nos treinos e nos jogos, o garotinho ficava na beira do campo e sempre queria brincar de goleiro. E dizia logo que era o Bilé, o goleiro celebridade. Mas, como grande parte das crianças na sua idade, o filho do Dondinho trocava o B pelo P. Então ele dizia: chuta aí pro Plé. Ele dizia assim mesmo, Plé. E como o pai dele era muito respeitado e o melhor do time, todos nós queríamos muito agradar ao garoto para deixar o pai feliz. E fazíamos a maior farra com ele. Mas tinha um detalhe: como ele não conseguia falar Bilé, só dizia Plé, a criançada pegava no pé dele. Fazia questão de chamá-lo de Pilé. Ele não gostava. Fazia pirraça, chorava. Eu me lembro bem dele na beira do campo com o nariz escorrendo e chorando, quando as pessoas teimavam em chamá-lo de Pilé. Ele queria ser chamado de Dico. Ou de Bilé."

"E o negócio de chamar o garotinho de Pilé foi ficando sério. Só a família o chamava de Dico. Para todo mundo aqui de São Lourenço, era o Pilé. A meninada começou até a exagerar...Você sabe como é criança. No campo do Vasco, era Pilé, na rua era Pilé, em todo lugar era Pilé... até no trem, quando ele viajava, todos o chamavam de Pilé."

"O Vasco da Gama de São Lourenço durou alguns anos. Foi um sucesso, mas morreu no fim de 1945. Vários jogadores foram convidados a jogar em times do Rio e de São Paulo. Um dia, chegou aqui um representante de Bauru e levou três jogadores do Vasco de uma vez. Eles estavam formando um time lá e queriam o Pessoa e o Dondinho. E lá se foi Dondinho com a família. Pelas dificuldades de comunicação na época, acabamos perdendo totalmente o contato com ele." E termina o "seo" Miguel: "Só em 1958, treze anos depois, é que voltei a ouvir falar de novo no Pilé, ou Pelé, o filho do Dondinho. Mas aí já é uma outra história...". ■

DE CASACA E CHUTEIRAS
de Silvestre Gorgulho;
Editora Folha do Meio Ambiente
Cultura Viva; 448 páginas; 200 reais

PAULO CEZAR CAJU

ERROU, ASSUMA

E lembremos que os jogadores de futebol, apesar da fama e do dinheiro, são pessoas como todas as outras, ídolos frágeis

Não sou de acompanhar freneticamente as redes sociais, mas sempre que posso dou uma olhada. Não há dúvida que Pelé e Maradona foram craques excepcionais. Muitos até acham que o argentino foi superior ao Rei. São opiniões, e temos de respeitá-las. Os dois fizeram aniversário recentemente e, em ambos os casos, muita gente postou comentários extremamente agressivos sobre a dupla. No caso de Pelé, lembraram que ele nunca teria assumido uma filha, e, no de Maradona, bateram forte em seu envolvimento com as drogas: "cheirador safado", "rei do pó", e por aí vai. Jogadores de futebol são pessoas comuns, com erros e acertos. Claro que deveriam servir de exemplo, ter um acompanhamento psicológico mais eficiente, alguns ficam ricos muito rápido, são convidados para festas, viagens paradisíacas com belas mulheres, bebidas e drogas de todo tipo. Se os jogadores que não alcançaram o estrelato se empolgam, imagine as grandes estrelas.

Ao longo dos anos, vimos muitos jogadores envolvidos com drogas (eu mesmo atravessei um período colado a elas, sei como é difícil abandoná-las), brigas familiares, acidentes de trânsito com fatalidades, ou presos por não pagar pensão, por fazer uso de passaporte falso, envolvidos com traficantes, episódios de racismo, estupro, sonegação de impostos e até assassinato, como foi o caso do goleiro Bruno. Sou da opinião de que, independentemente de quem seja e da quantidade de cifrões de sua conta bancária, se errou, tem de pagar, botar a cara, assumir. Não adianta se cercar de advogados, porque a verdade prevalecerá. É óbvio que muitas vezes os jogadores caem em arapucas, são seduzidos, traídos por falsos amigos, enganados por falsos amores. Existem vários casos em que os jogadores chegam em seu quarto de hotel e encontram lindas mulheres escondidas. Alguns as expulsam e outros não resistem à tentação e depois se enredam em uma teia de problemas.

"Não adianta se cercar de advogados, porque a verdade prevalecerá. É óbvio que muitas vezes os jogadores caem em arapucas, são seduzidos, traídos por falsos amigos, enganados por falsos amores"

Mas sigo em meu ponto de vista, errou, assuma. Claro, os jogadores deveriam ser exemplos para os jovens, para a torcida e para as famílias. Mas eles são pessoas comuns, falsos super-homens, ídolos frágeis. Maradona estava internado no começo de novembro em decorrência de um problema no cérebro, mas estamos na torcida para que tudo fique bem — apesar dos erros que cometeu, mas sabendo que foi um dos grandes da história do futebol. ■

JUAN IGNACIO RONCORONI/EPA/EFE

Torcedor em frente ao hospital em que estava internado Maradona: os erros e os acertos do craque